

JANETE DIAS BATISTA

UM PARALELO ENTRE O MITO DE NARCISO
E A DEPENDÊNCIA QUÍMICA DENTRO DE UMA
ABORDAGEM JUNGUIANA

Monografia apresentada ao Facis/IBEHE,
como exigência parcial para obtenção do título de
especialista em Psicologia Junguiana.

São Paulo/2002

RESUMO DO TRABALHO

O crescente aumento do consumo de drogas nos tempos atuais, somado a um acentuado número de pessoas que se tornam dependentes dela, traz uma intensa preocupação por parte de profissionais da área de saúde, entre outros, na busca de uma maior compreensão quanto a este fenômeno. É necessário encontrar soluções para o problema, podendo assim atuar de forma preventiva, bem como intervir clinicamente nos casos em que a dependência já está instalada .

O objetivo deste trabalho é compreender a conduta do dependente químico, dentro abordagem analítica do desenvolvimento psíquico.

O mito, como expressão do arquétipo e conseqüentemente do inconsciente coletivo, nos possibilita entender o processo de desenvolvimento da psique e os problemas inerentes ao mesmo.

Sendo assim, este estudo aborda o desenvolvimento psíquico dentro de uma visão arquetípica, desenvolvida por Erich Neumann, da interpretação do mito de Narciso como uma expressão do desenvolvimento arquetípico e conseqüentemente, das possíveis falhas ocorridas neste processo. e que justifiquem a dependência química.

Dedico este trabalho a todos que me acompanharam neste caminho, da concepção à execução, e que me ajudaram a acreditar ser possível sua concretização. Em especial ao meu marido, pela força e companheirismo e ao meu irmão pelo carinho e atenção.

ÍNDICE

Introdução	05
Capítulo I – Dependência Química	06
1. A conduta do Dependente Químico	13
Capítulo II – O Pensamento Junguiano	17
Capítulo III – O Desenvolvimento Psíquico	30
Capítulo IV – O Mito de Narciso	41
1. A História de Narciso	44
2. A Interpretação do Mito de Narciso	52
Capítulo V – O Mito de Narciso e a Dependência Química	62
Conclusão	76
Bibliografia	81

INTRODUÇÃO

Ao longo de minha vida tive oportunidade de acompanhar em várias situações pessoas dependentes de alguma droga, fosse ela álcool, maconha, cocaína, anti-depressivos, entre outros.

Muitas vezes me vi totalmente envolvida pela questão da dependência química. Confusão, desestruturação, medo, desespero e vontade de “pular a página”, o que, entretanto, é sempre impossível: o confronto com o dependente químico faz a “poeira levantar” e nos faz acordar de um sono profundo, onde nos deparamos com nossas “fraquezas” e “limitações”.

Num âmbito maior ele faz o mesmo com a sociedade: escancarando seu desajuste, negando-se a se adaptar às regras sociais, tornando-se improdutivo para o mundo capitalista, ele obriga a sociedade a repensar seus conceitos, a preocupar-se com o futuro dos jovens e conseqüentemente com o futuro dessa mesma sociedade.

A preocupação com a questão das drogas é, ainda que insuficiente, cada vez mais constante em nossa sociedade seja entre as famílias que vivem o drama no seu dia-a-dia, seja entre os profissionais de saúde e as autoridades, uma vez que, de uma forma mais ampla, envolve o tráfico e a criminalidade e cria problemas político-sócio-econômicos que fogem ao controle dos Estados. Além

disso, a questão das drogas envolve muito preconceito, até mesmo nos meios profissionais e governamentais.

A mídia tem cada vez mais trazido esta questão à tona, tanto por meio de reportagens como, por exemplo, da exploração do tema em telenovelas, na tentativa de alertar a população em relação à questão, ainda que nem sempre de forma séria e profissional, procurando fornecer-lhes formas alternativas de lidar com uma situação que cada vez mais invade nossas casas.

Os traficantes estão dentro das escolas abordando adolescentes que, curiosos quanto às possibilidades do prazer imediato advindo do uso das drogas e desencantados com o mundo sem perspectivas por nós criado, se sentem cada vez mais atraídos por elas. Muitos conseguem experimentá-las e sair ilesos, outros se afundam cada vez mais, buscando reviver a sensação inicial que esta lhes proporcionou.

O objetivo deste trabalho é fazer um paralelo entre a conduta do dependente químico e o mito greco/romano Narciso, entendendo como dependente químico aquele sujeito para quem a droga e sua utilização são parte do aspecto central de sua vida. Segundo Silveira Filho: “[...] o dependente de drogas é um indivíduo para quem a droga passou a desempenhar um papel central na sua organização, na medida em que, através do prazer, ocupa lacunas importantes, tornando-se assim indispensável ao funcionamento psíquico daquele indivíduo (ou

seja, um dependente, ao contrário do usuário, não pode prescindir da sua droga).”¹

Neste estudo nos limitaremos a análise do tipo de dependência em que se utilizam drogas que causam alteração da percepção da realidade e, dentre estas, as ilícitas, ou seja, dependência de cocaína e *crack*, entre outras.

Ao estudar o mito greco/romano Narciso pude perceber algumas semelhanças entre a conduta do dependente químico e o referido mito, surgindo o interesse por traçar um paralelo entre o mito e o fenômeno da dependência química, um pensamento à princípio puramente intuitivo. Entretanto, ao longo de minhas pesquisas pude perceber que este paralelo já havia sido feito por alguns autores, dentro de uma perspectiva psicanalítica, fato que reforçou minha hipótese e contribuiu para que buscasse fazê-lo dentro de uma abordagem junguiana.

Segundo a psicóloga Raïssa Cavalcanti, em seu livro *O Mito de Narciso*, a chave do tema narcisismo é a aceitação e o relacionamento com o outro. “Nos vários estágios do desenvolvimento, o outro está presente, contribuindo para a formação da identidade, desde as primeiras e mais primitivas relações objetais até o nível mais elevado de relacionamento com o outro transcendente, que é o Self. As falhas deste processo constituem os distúrbios narcísicos de personalidade nas suas várias expressões.”²

Narciso é aquele que se apaixona pela própria imagem, fica fixado em uma imagem virtual com dificuldade de afastar-se e perceber que a imagem a

¹ SILVEIRA FILHO, Dartiu Xavier da. *Drogas — uma Compreensão Psicodinâmica das Farmacodependên-*

qual ele se fixou era ele mesmo. O mito mostra, portanto, a dificuldade de Narciso em se relacionar com o outro, a dificuldade em projetar seu amor no diferente, em se relacionar com coisas que não são suas; pessoas que não são ele; sentimentos que não são dele. E aos poucos Narciso vai definhando em sua fixação até à morte.

Quando pensamos em Narciso automaticamente nos vem a associação a uma atitude de inflação de Ego e egocentrismo, segundo o compositor Caetano Veloso: “Narciso acha feio o que não é espelho”. Narciso se apaixona pela própria imagem por medo de enfrentar a realidade. Enfrentar a realidade é enfrentar o outro com todas as suas diferenças. O outro nos coloca em “xeque”, faz com que nos voltemos para nós mesmos e refletamos a respeito de nossas “verdades”. Olhar o outro é abandonar nossa onipotência, é olhar para nossas fraquezas e limitações e nos colocar à prova.

Podemos perceber que o mesmo parece ocorrer com o dependente químico, existe uma falha na formação de sua identidade que está diretamente ligada às suas primeiras relações com o mundo, as relações objetais, as relações com pai e mãe, relações responsáveis por sua formação, por sua capacidade de adaptação ou não à sociedade. Parece faltar no dependente químico a força necessária para enfrentar o mundo e suportar as adversidades sem se desintegrar, para integrar, sentir prazer e desprazer, lidar com os conflitos e poder crescer com eles.

cias. S. Paulo: Casa do Psicólogo, 1995, pp. 3-4.

² CAVALCANTI, Raïssa. *O Mito de Narciso — O Herói da Consciência*. S. Paulo: Cultrix, 1992, p. 11.

Sendo assim, aqui serão desenvolvidos os seguintes tópicos: dependência química, o pensamento junguiano, desenvolvimento psíquico dentro da abordagem junguiana, o mito de Narciso e sua interpretação, um paralelo entre o Mito de Narciso e a dependência química e conclusão.

I. DEPENDÊNCIA QUÍMICA

O homem sempre se utilizou de drogas, quer como forma de entrar em contato com o Nirvana, com os deuses, buscando assim uma transcendência do mundo concreto, quer como forma de buscar o prazer e um certo distanciamento da realidade, muitas vezes bastante “dura”, que enfrentamos no nosso dia-a-dia.

O uso de drogas é cada vez mais crescente em nossa sociedade, segundo dados da ONU, há hoje cerca de 180 milhões de usuários de drogas no mundo, tendo sido observado, segundo os dados divulgados pela organização em dezembro de 2002, que o consumo de maconha, cocaína, heroína e anfetamina aumentou em 60% entre o período de 1996 e 2001, em 112 países³.

É portanto mais do que justificável que exista uma crescente necessidade de entender o que leva o indivíduo a experimentar drogas e passar a consumi-las compulsivamente. Muitos jovens fazem uso da droga e não se tornam necessariamente dependentes delas. Entretanto, a maior dificuldade dos pais, dos es-

³ Drogas: o que fazer a respeito. In Superinteressante. S.Paulo. Editora Abril. 2002

pecialistas em saúde e dos órgãos governamentais é que não podemos prever qual destes jovens se tornará um dependente químico.

Esta é uma questão de extrema complexidade, devido ao fato de não podermos falar a respeito de uma “personalidade do dependente”, dada a grande diversidade de fatores que podem favorecer o surgimento da dependência, o que inviabiliza o diagnóstico preventivo. Segundo Dartiu Xavier da Silveira Filho: “A especificidade da farmacodependência consiste na inexistência de uma especificidade estrutural do dependente de fármacos. Por mais que a nosografia psiquiátrica insista em categorizá-la como uma entidade nosológica autônoma, a clínica da farmacodependência não consegue reconhecer nada mais sistematizável do que uma conduta toxicomaniaca. Assim, em princípio, não podemos falar em ‘doença’, mas apenas em ‘conduta’”.⁴

Ao analisarmos o fenômeno da dependência química necessitamos fazê-lo a partir de três elementos, o chamado tripé: a droga, o homem e a sociedade. É importante compreender as drogas e seus efeitos no organismo, seus mecanismos de ação e qual o poder gerador de dependência física. Associado a este fator devemos entender o que leva o indivíduo ao contato com a droga e o que o leva a consumí-la de forma compulsiva. Esta análise só poderá ser realizada dentro das características do grupo social no qual este indivíduo está inserido, já que os aspectos culturais determinam o comportamento da sociedade e, conseqüentemente sua postura diante da utilização das drogas. Um exemplo disto é o que nos diz Jandira Mansur: “Em Atenas, na Grécia, é comum os portuários se

reunirem em pequenos grupos, no fim da tarde, após o trabalho. Conversam entre si, fumam maconha em um cachimbo feito de batata sem que o comportamento anormal ou anti-social seja observado; apenas à medida que vão fumando diminuem gradativamente a conversação.”⁵ Observamos diferenças significativas quanto à proibição ou liberação ao uso de drogas em diferentes países, o que em alguns é socialmente aceito em outro pode ser ilícito e vice-versa.

Neste trabalho iremos buscar uma compreensão da conduta do dependente químico, analisando a dinâmica de sua personalidade, dentro de uma compreensão simbólica, tendo como base a teoria de desenvolvimento da personalidade de acordo com a abordagem junguiana. Tal abordagem nos possibilitará a compreensão do fenômeno da dependência química sob o ponto de vista da psicologia do indivíduo, de seu desenvolvimento psíquico, sem nos atermos diretamente às especificações da droga e de seus efeitos diretos, mas sempre pensando este indivíduo dentro de um contexto social.

A diversidade de terminologias utilizadas por profissionais da área de saúde para se referir ao dependente químico é muito grande, sendo que encontramos na literatura especializada os termos: farmacodependente, toxicômano, drogadicto, narcodependente e dependente químico. Estas diferenciações parecem estar relacionadas à origem da palavra, sendo que encontramos na literatura francesa com maior frequência a utilização do termo toxicômano, na literatura de origem argentina e mexicana o termo drogadicção. Na maioria das vezes, o

⁴ Opus cit., p. 5.

⁵ MANSUR, Jandira. *O que é Toxicomania*. S. Paulo. Nova Cultural/Brasiliense, 1986, p. 55

mesmo autor utilizando duas ou mais terminologias na mesma obra, sugerindo não haver uma determinação de escolha do termo. Utilizaremos neste estudo o termo dependência química por julgarmos ser este o mais utilizado, carregando uma menor carga de valor negativo e portanto mais adequado ao nosso propósito.

1. A conduta do Dependente Químico

A utilização da droga e uma conseqüente dependência química é um sintoma da problemática do indivíduo e não a problemática em si. Na verdade a droga surge no caminho deste indivíduo como uma possibilidade de resgate de algo que ele julga ter perdido ou não possuir e, neste caminho por ele percorrido, ao invés de conseguir uma solução acentuam-se suas angústias, e cada vez mais se afunda ao repetir o caminhar pelo mesmo caminho, potencializando a problemática e buscando na droga uma possibilidade de solução, gerando um círculo vicioso que tende a levá-lo à uma crescente ruptura com a realidade que o cerca. Distancia-se da família, do círculo de amigos, de tudo o que remete à realidade, às regras e exigências sociais marginalizando-se gradativamente, limitando-se a freqüentar ambientes e a se relacionar com grupos onde as leis são regidas pelas drogas.

Segundo Silveira Filho⁶, o dependente químico, em geral, é uma pessoa que não consegue conviver com a realidade objetiva e/ou subjetiva e ao mesmo tempo não consegue modificá-la, ou seja, vive tomado de uma angústia e de uma insatisfação que não consegue solucionar e busca nas drogas alterar a percepção desta realidade. Sendo assim, esta, aos olhos do dependente químico, acaba sendo sua única possibilidade viável, passando a estabelecer com a droga uma relação indissociável, que impossibilita a vida sem ela uma vez que esta passa a ser responsável pela manutenção de seu equilíbrio.

A relação que estabelece com a droga torna-se então o fator principal em sua vida e tudo o mais é mantido em segundo plano. Seu mundo é regido por suas próprias leis e estas estão relacionadas com o mundo das drogas, adotando uma conduta de transgressão das leis vigentes na sociedade a qual está “inserido”. Tal atitude faz com que estabeleça comportamentos permissivos também com o próprio corpo. Como nos diz Silveira Filho: “A especificidade desta relação com a lei vai, entre outras coisas, contribuir para o estabelecimento de relações muito particulares do dependente com o seu corpo, que passa a ser o terreno de eleição para a inscrição de sua identidade. Assim, auto-erotismo, ambivalência sexual, androginia, vão constituir formas peculiares de expressão erótica desta personalidade.”⁷

O indivíduo perde a noção da realidade e dos valores morais, marginaliza-se, embarca numa viagem da qual o retorno é muito difícil e as vezes quase

⁶ SILVEIRA FILHO, Dartiu Xavier da. *Drogas — uma Compreensão Psicodinâmica das Farmacodependências*. S. Paulo: Casa do Psicólogo, 1995, pp.2-3.

que impossível. Arrisca sua própria vida e a dos demais, arrisca sua liberdade, perde a possibilidade de escolha, a noção do perigo e o instinto de sobrevivência passando a ser controlado por uma constante necessidade de consumo.

Surgem sentimentos ambivalentes, onde por um lado o dependente possui dificuldade de aceitar e de se adaptar a uma realidade, denotando fragilidade e aspectos de insegurança e, por outro lado adota uma conduta onipotente, como se fosse imune às conseqüências de seus atos, testando os próprios limites em todos os aspectos de sua vida, tais como os limites corporais, afetivos e sociais.

Segundo Lescher: “A farmacodependência é um buraco negro que suga violentamente a criatividade, que escorraça a subjetividade em direção à intensos conflitos de natureza **ontológica** (constituição do Ser), **ética e moral**. Conflitos que estão em alguma região próxima daquilo que em mim deseja o prazer e daquilo que em mim teme o remorso. Desconexões sucessivas que restringem centripetamente, em relação ao ponto-eu, os limites da ação. O corpo perde potência e superfície, vai se ‘encasulando’ dentro dos limites da própria pele. Um corpo oprimido e fissurado.”⁸

Compreender a dinâmica da conduta do dependente químico nos remete a avaliar todo o percurso e todas as possibilidades de desenvolvimento psicológico deste indivíduo. Se nos lembrarmos que o dependente químico tem dificuldade em lidar com a realidade, seja ela a realidade objetiva ou subjetiva, teremos

⁷ SILVEIRA FILHO, Dartiu Xavier da. *Drogas — uma Compreensão Psicodinâmica das Farmacodependências*. S. Paulo: Casa do Psicólogo, 1995, pp. 8.

⁸ LESCHER, Auro Danny. “O mais profundo é a pele”. *Dependência — Compreensão e Assistência às Toxicomanias (uma Experiência do PROAD)*. S. Paulo: Casa do Psicólogo, 1996, p. 16.

que retomar a questão do desenvolvimento psíquico uma vez que é no decorrer deste desenvolvimento que aprendemos a nos relacionar com os aspectos internos e externos da nossa realidade, adquirindo força e criatividade para lidar com as adversidades e modificá-la quando possível.

II. O PENSAMENTO JUNGUIANO

Uma vez que todo o tema do presente trabalho será abordado sob a perspectiva da Psicologia Analítica desenvolvida por Carl Gustav Jung, é necessário inicialmente que façamos uma explanação sobre o sistema teórico por ele postulado.

Jung realizou seus estudos a partir de suas própria vivência interna, bem como da experiência adquirida no trato com seus pacientes e das pesquisas profundas por ele empreendidas nas áreas de Filosofia, Religião, História, Alquimia, entre outras. De acordo com Byington,⁹ Jung centralizou todo seu trabalho no desenvolvimento psíquico da segunda metade da vida, a metanóia. Para ele, é a partir da segunda metade da vida que o indivíduo sente necessidade de se salientar em relação ao coletivo, de buscar sua singularidade, processo então denominado por Jung **processo de individuação**.

⁹ BYINGTON, Carlos. *Desenvolvimento da Personalidade — Símbolos e Arquétipos*. S. Paulo: Ática, 1987, p. 7

Segundo Fordham,¹⁰ Jung considera a psique como um sistema dinâmico, em constante movimento, sempre em busca de auto-regulação, este movimento acontece por meio da energia psíquica (a libido) resultante da tensão entre os opostos, ou seja, quanto maior a tensão entre eles, maior a energia psíquica liberada. Esta energia tem um movimento natural de progressão e de regressão, estando o movimento de progressão a serviço da consciência — e conseqüentemente da adaptação ao ambiente externo — , e o de regressão a serviço do inconsciente, relacionado às necessidades mais íntimas do indivíduo.

Jung, conforme nos conta Jacobi,¹¹ iniciou suas pesquisas a partir do inconsciente, interessando-se pelo trabalho já desenvolvido por Freud. Entretanto, em seus estudos sobre os complexos, percebeu que além do inconsciente pessoal, haviam imagens que surgiam nos sonhos, nas produções artísticas, nos delírios e alucinações dos pacientes que iam além da vivência pessoal. Muitos destes elementos remetiam a componentes históricos e símbolos universais que fazem parte da história da humanidade. Conclui, então, que além dos conteúdos de nossa história pessoal, de nossas vivências desde a mais tenra idade, e que fazem parte de nosso inconsciente pessoal, estavam também guardadas em nosso inconsciente lembranças relacionadas à herança da humanidade.

O inconsciente pessoal guarda tudo o que envolveu nossas vivências e foi esquecido, reprimido, bem como guarda as percepções que não ultrapassaram o limiar da consciência. Representa a nossa história de vida pessoal e tudo

¹⁰ FORDHAM, Frieda. *Introdução à Psicologia de Jung*. S. Paulo: Verbo, 1990, p. 21.

¹¹ JACOBI, Jolande. *Complexo, Arquétipo e Símbolo na Psicologia de C. G. Jung*. S. Paulo: Cultrix, 1995, p. 27.

que apreendemos do nosso contato com o mundo. O **inconsciente coletivo**, entretanto, é uma camada mais profunda, resultado da memória de nossa história coletiva, contendo o material hereditário legado pela humanidade. É constituído de **arquétipos** ou imagens primordiais. Diz Jung: “Dei o nome de arquétipos a esse padrões, valendo-me de uma expressão de Santo Agostinho: Arquétipo significa um “Typos” (impressão, marca-impressão), um agrupamento definido de caracteres arcaicos, que, em forma e significado, encerra motivos mitológicos, os quais surgem em forma pura nos contos de fadas, nos mitos, nas lendas e no folclore”.¹²

Os conteúdos do inconsciente somente podem ser constatados por meio de sua manifestação uma vez que são intangíveis e, como nos diz Jung, somente se revelam a nós por meio de seus produtos. Nosso acesso indireto às imagens arquetípicas ocorre por meio dos sonhos, dos atos falhos, das produções artísticas, dos contos de fadas, dos mitos e das lendas. Para Jung, portanto, quando nascemos já temos depositada em nós toda a história da humanidade, sendo por meio dessa matriz herdada que se desenvolve nossa psique.

O inconsciente coletivo é formado por **arquétipos** e estes são a base de toda a vivência humana. Os arquétipos são, como nos diz Jung: “sistemas vivos de reação e prontidão que, por via invisível e, por isso, mais eficiente ainda, determinam a vida individual.”¹³ Complementa ainda seu pensamento dizendo ser o inconsciente coletivo a “fonte dos instintos” e os arquétipos as “formas de ma-

¹² JUNG, C. G. *Fundamentos da Psicologia Analítica*. Petrópolis: Vozes, 1985, pp. 33-34.

¹³ Apud JACOBI, Jolande. Opus cit., p. 41.

nifestação destes”. Os arquétipos são “possibilidades latentes” que recebem forma através do inconsciente pessoal e, portanto, das vivências pessoais, surgindo na consciência como uma **imagem arquetípica**. Sendo assim, toda imagem arquetípica tem sua raiz no inconsciente coletivo, no arquétipo, porém, surge carregada de significado pessoal. O arquétipo é universal e imutável, diz Byington,¹⁴ sendo que é a sua forma de expressão ou manifestação consciente que evolui de acordo com o desenvolvimento da humanidade.

Uma outra característica importante do arquétipo, segundo nos diz Jung, é a sua bipolaridade: “Assim como todos os arquétipos têm um caráter positivo, favorável, claro e orientado para cima, do mesmo modo eles têm também um aspecto orientado para baixo, em parte negativo e desfavorável e, em parte, apenas terrestre.”¹⁵

É por meio dos arquétipos, ou a partir, deles que surgem os **complexos**, sendo que estes são formados por um grupo de idéias ou imagens carregadas emocionalmente na psique inconsciente. Segundo Jacobi, Jung introduziu a noção de complexo, a princípio, partindo da teoria psicanalítica, definindo então o complexo como sendo um “agrupamento de idéias de acento emocional no inconsciente”. O complexo teria, segundo ele, um elemento nuclear, arquetípico e, portanto, fora do alcance da **consciência**, entendendo por consciência a superfície que cobre a vasta área do inconsciente e que se caracteriza por certa estreiteza, uma vez que ela só consegue apreender poucos dados simultâneos num dado

¹⁴ Opus cit., p. 21.

¹⁵ Apud JACOBI, Jolande. Opus cit. p. 65.

momento, sendo que todas as percepções restantes são inconscientes, de acordo com Jung: “É impossível estabelecermos continuamente uma imagem de totalidade devido à própria limitação da consciência. A nossa possibilidade restringe-se à percepção de instantes de existência”.¹⁶ Outra característica do complexo é ser constituído por uma série de associações que ocorrem ao longo da vida do indivíduo e que estão ligadas a este núcleo inicial de acordo com as disposições naturais somadas às vivências externas. São justamente estas associações que fortalecem o complexo, tornando-o carregado de energia psíquica e fazendo com que adquira, caso não se torne consciente, cada vez mais autonomia, podendo surgir como uma personalidade própria e opor-se à vontade consciente. A dissolução do complexo é um dos pontos básicos da psicoterapia junguiana, pois ela tem como principal objetivo a ampliação da consciência e conseqüente liberação da energia psíquica que pode ser redistribuída, proporcionando assim maior equilíbrio psicológico.

Contudo, os complexos não podem ser entendidos apenas como um atributo neurótico. Mais do que apenas uma “doença”, eles formam a estrutura da psique, sendo o seu núcleo central o arquétipo e, como nos diz Jacobi: “o que provêm do inconsciente coletivo jamais é material ‘doente’, doentio só pode ser o que vem do inconsciente pessoal e nele sofre uma transformação e recebe uma coloração específica, resultante da sua inclusão numa esfera de conflito individual”.¹⁷

¹⁶ JUNG, C. G. *Fundamentos da Psicologia Analítica*. S. Paulo: Vozes, 1985, p. 5, parágrafo 13.

¹⁷ Opus cit. p. 32.

Jung considerava a capacidade de desenvolvimento da psique como um evento arquetípico, uma vez que este processo é comum à todos os seres humanos.

O inconsciente é a matriz de nossa consciência, ou seja, a psique se estrutura a partir do inconsciente. No início do desenvolvimento psíquico, o indivíduo gradativamente passa a se perceber como um “eu” separado do todo, desenvolvendo o que Jung chamou de **complexo de ego**. O ego emerge do inconsciente e vai se tornando cada vez mais consciente, tendo como principal função a intermediação dos conteúdos do inconsciente (pessoal ou coletivo) e a consciência, discriminando e organizando a percepção da realidade. É ele quem escolhe e decide, faz julgamentos críticos e de valor, é regente das escolhas práticas e das escolhas morais e éticas. O ego envolve o sentido de continuidade psíquica e corporal em relação ao espaço e ao tempo, sendo o centro do sentimento de identidade.

O desenvolvimento do ego está, portanto, estreitamente relacionado ao **Self**. O Self é o arquétipo da totalidade e o centro da nossa psique, ao mesmo tempo que é o centro do inconsciente. Ele é a totalidade e é quem rege o desenvolvimento da personalidade intermediado pelo ego, uma vez que é o Self que apresenta os conteúdos ao Ego e ao mesmo tempo depende do ego para ser reconhecido como uma realidade simbólica. Por isso, a comunicação entre ego e Self é de extrema importância para que haja a atualização das potencialidades do indivíduo e a ampliação da consciência, levando-o ao processo da individuação, onde o ego passa a reconhecer o Self como algo interno e maior do que ele. Se-

gundo Jung: “O eu é o sujeito apenas de minha consciência, mas o si-mesmo é o sujeito do meu todo, também da psique inconsciente. Neste sentido o si-mesmo seria uma grandeza (ideal) que encerraria dentro dele o eu.”¹⁸

Todo desenvolvimento psíquico ocorre na relação do indivíduo com o ambiente externo, com o outro, de onde surge então a necessidade de adaptação e, conseqüentemente, a **persona**, palavra utilizada na Antiguidade grega para designar as máscaras usadas pelos atores para expressarem o papel que desempenhavam. A persona é um fenômeno coletivo, um impulso natural no desenvolvimento psíquico, é a “máscara” utilizada para a adaptação ao coletivo, que surge em resposta às exigências externas, à necessidade de aceitação e reconhecimento do indivíduo pelo grupo. Por causa dessa adaptação surge um processo de repressão de potencialidades, sentimentos, desejos e tendências. Estes conteúdos reprimidos depositam-se na **sombra**, o que significa que, portanto, encontraremos na sombra todos os conteúdos negados pela consciência.

A persona tem como aspecto positivo um impulso para a adaptação do indivíduo às exigências externas, ao social, sendo, por isso, imprescindível ao desenvolvimento psíquico. Contudo, ela pode tornar-se extremamente negativa em situações de rigidez, impossibilitando a flexibilização das atitudes e a atualização das potencialidades. Dizemos então que o indivíduo passa a ter uma forte identificação com a persona, valorizando acentuadamente os aspectos sociais, mostrando dificuldade para desenvolver atitudes criativas que possibilitem a ele se posicionar frente ao mundo de forma harmoniosa, sem perder sua singulari-

¹⁸ JUNG, C. G. *Tipos Psicológicos*. S. Paulo: Vozes, 1991, pp. 406, parágrafo 796.

dade. Essa rigidez leva a um acúmulo de conteúdos na sombra. “A sombra é o eu negado, alijado, alienado, rejeitado pelos padrões da consciência; uma parte da personalidade não aceita e que se constitui no outro interno, incômodo dentro de cada um. O outro que também se é e não se deseja ser, o outro que é alienado do convívio consciente”.¹⁹ Sendo assim, a persona e a sombra formam um par de opostos. Segundo Ruby,²⁰ o ego se utiliza dos mecanismos de defesa para lidar com a sombra, tais como projeção e a repressão. A projeção é o fenômeno de perceber e criticar no outro aspectos pessoais que não estão integrados na dinâmica da psique inconsciente, ou seja, não se pode percebê-los como parte da conduta do próprio indivíduo. O mecanismo de repressão é um movimento de defesa que mantém inconsciente algo que não é aceitável pela personalidade, com o objetivo de manter tal aspecto inconsciente. A sombra é também um fenômeno coletivo, uma vez que é comum à toda a humanidade, apesar de possuir um aspecto do inconsciente pessoal relacionado aos nossos fracassos pessoais e às nossas debilidades.

O inconsciente possui ainda um elemento complementar que surge de forma diferenciada no homem e na mulher, sendo que no homem, segundo a psicologia analítica, aparece o **animus** e na mulher, a **anima**.

A anima é o complemento feminino do inconsciente masculino, é a imagem coletiva, arquetípica, que o homem possui da mulher e que representa a herança de toda a experiência, ao longo da história da civilização. É a anima a

¹⁹ CAVALCANTI, Raïssa. *O Mito de Narciso — O Herói da Consciência*. S. Paulo: Cultrix, 1992, p. 78.

responsável pela intermediação consciente/inconsciente, que traz ao homem o contato com seus sentimentos e fantasias mais íntimos, possibilitando o desenvolvimento psíquico. Como nos diz von Franz: “Anima é a personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique do homem – os humores e sentimentos instáveis, as intuições proféticas, a receptividade ao irracional, a capacidade de amar, a sensibilidade à natureza e, por fim, mas nem por isso menos importante, o relacionamento com o inconsciente.”²¹

Os elementos relacionados à anima que fazem parte do inconsciente pessoal do homem são determinados pelo seu relacionamento com a primeira figura feminina que é a mãe, havendo portanto forte influência da mãe no desenvolvimento dos aspectos femininos inconscientes do homem e consequentemente com a forma com que este irá se relacionar com o mundo feminino e com as figuras femininas no decorrer de sua vida.

A anima possui, como aspecto positivo, a capacidade de levar o homem a explorar seu inconsciente, a identificar os aspectos escondidos em seu inconsciente, assumindo um papel de guia ou de mediador entre o mundo interior e o Self. Quando, no entanto, o homem projeta os aspectos de sua anima nas figuras femininas que o rodeiam, não identificando tais aspectos como elementos do seu mundo interno, a anima passa a influenciá-lo em seus aspectos negativos, nos aspectos da sombra, podendo levá-lo a sentimentos de onipotência, apatia, medo ou opressão. Pode ocorrer também forte atração por um mundo irreal, cheio de

²⁰ RUBY, Paulo. *As Faces do Humano: Estudos de Tipologia Junguiana e Psicossomática*. S. Paulo: Oficina de Textos, pp. 20-21.

fantasias e de desejos irrealizáveis, afastando-o da realidade objetiva, como o que ocorre nas lendas das sereias que encantam os homens com seu canto e os levam a entregar-se à morte na busca da satisfação de seus desejos.

De acordo com Jung, diz von Franz, existem quatro estágios de desenvolvimento da alma. O primeiro relaciona-se a um aspecto instintivo e biológico, podendo ser simbolizado pela figura de Eva. O segundo estágio relaciona-se ao nível romântico e estético, sendo também caracterizado por elementos sexuais e poderia estar associado à figura da Helena de Fausto. No terceiro estágio predominam os aspectos do amor à grandeza da devoção espiritual, podendo ser exemplificado pela figura da Virgem Maria. O quarto e último estágio surge simbolizado pela sabedoria que transcende até mesmo à pureza e à santidade, como a Sulamita do Cântico dos cânticos atribuído a Salomão, sendo que este estágio do desenvolvimento psíquico dificilmente é alcançado pelo homem moderno.²²

O **animus**, assim como a alma no homem, é complemento masculino do inconsciente feminino, sendo também a imagem coletiva e arquetípica, podendo surgir em seu aspecto positivo ou negativo. O animus no inconsciente feminino é influenciado pela figura paterna que irá proporcionar à mulher convicções incontestáveis em seu aspecto negativo, podendo afastá-la de relacionamentos humanos e de um maior contato com os homens, ou fazendo-a adotar uma atitude passiva em relação à vida. Quando, no entanto, a mulher consegue

²¹ VON FRANZ, M.-L. “O processo de Individuação”. In: *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 177, 1964.

identificar este componente interno à sua psique ela pode fazer uso dos benefícios que o mesmo proporciona ao seu desenvolvimento psíquico, atuando com maior iniciativa, objetividade e sabedoria espiritual.

O animus também apresenta quatro estágios de desenvolvimento, sendo estes representados no primeiro estágio pela força física, ligado, portanto, aos atletas; no segundo estágio, pela iniciativa e capacidade de planejamento. O terceiro estágio relaciona-se ao “verbo” e, no quarto estágio, o animus aparece com a capacidade de “pensamento”, como mediador de uma experiência religiosa, dando firmeza espiritual e amparo interior à mulher.

Por meio do animus a mulher pode tornar-se consciente dos processos de seu desenvolvimento de forma objetiva, tanto cultural quanto pessoal, e encontrar, assim, o caminho para uma atitude intensamente espiritual em relação à vida, sendo necessário para tanto que seu animus pare de emitir opiniões absolutas. A mulher necessita buscar coragem e largueza de espírito interior capazes de lhe permitir avaliar a relatividade de suas convicções. Só então estará capacitada a aceitar sugestões do seu inconsciente, sobretudo as que contradizem as opiniões do seu animus, podendo as manifestações do Self chegar a ela e fazê-la compreender conscientemente o seu sentido.

A psicologia analítica é muitas vezes chamada de “a psicologia dos símbolos” por centrar-se na influência das imagens arquetípicas e da força dos símbolos no processo de transformação dos conteúdos do inconsciente. É por

²² VON FRANZ, M.-L. “O processo de Individuação”. In: *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 185, 1964.

meio da ampliação e da transformação do significado do **símbolo** que os conteúdos inconscientes podem ser integrados na consciência.

Carlos Byington²³ define símbolo como a manifestação do arquétipo, sendo que todas as representações que operam no campo psíquico são símbolos e incluem sempre as polaridades consciente e inconsciente. Sendo assim, o desenvolvimento psíquico se dá por meio da elaboração do símbolo. O símbolo conduz o elemento inconsciente para a consciência causando a princípio uma desestruturação, pois sempre trás consigo algo novo, produzindo uma desorganização que leva o indivíduo à indiscriminação, incomodando a consciência que sempre busca a discriminação e a organização da psique. Sendo assim, esta “estranheza” faz com que o indivíduo entre em conflito e busque resgatar a organização inicial. Para que haja um desenvolvimento psíquico por meio do contato com o símbolo é necessário, como nos diz Byington, a separação das polaridades, sua nomeação e reconhecimento, chegando desta forma a uma ampliação da consciência e ao reequilíbrio do sistema.

Como foi citado anteriormente, Jung percebe o funcionamento do sistema psíquico como um sistema de auto-regulação, e, neste sentido, o símbolo e as imagens arquetípicas são fontes imprescindíveis no processo de auto-regulação. É por meio da comunicação que o indivíduo faz entre o mundo interno e o mundo externo, entre o relacionamento com o outro e o relacionamento consigo mesmo que irá se deparar com estas imagens arquetípicas, tendo possibilidade de se desenvolver psiquicamente.

III. O desenvolvimento psíquico na visão da Psicologia Junguiana

Para compreendermos a dinâmica da dependência química é importante examinar inicialmente o desenvolvimento da psique desde a primeira infância, as relações que se estabelecem desde os primeiros momentos de vida de uma criança e a importância destes vínculos ao longo da vida do indivíduo.

Raïssa Cavalcanti lembra que Jung, em seus estudos, observou que o ego nasce do inconsciente, sendo a relação mãe-bebê imprescindível por permeiar todas as relações que esta criança irá estabelecer com o mundo que a cerca. Para ele, o desenvolvimento da criança se inicia por meio de um estado indiferenciado que chamou de *participação mística*, onde não há diferenciação clara entre sujeito e objeto. Este vínculo extremamente forte e profundo justificaria o desejo de regressão e a dificuldade na separação. No decorrer do processo de desenvolvimento da criança ocorre uma transformação da libido (energia psíquica) por meio da diferenciação entre as partes e o todo, permitindo à criança, des-

²³ BYINGTON, Carlos. *Desenvolvimento da Personalidade — Símbolos e Arquétipos*. S. Paulo: Ática, p. 21.

ta forma, se perceber como um ser inicialmente diferenciado da mãe e, posteriormente, do mundo.

Segundo Byington²⁴, entretanto, Jung não fez estudos mais profundos a cerca do desenvolvimento do ego na primeira metade da vida. Michael Fordham e Erich Neumann, dois de seus principais seguidores, foram os responsáveis pelo desenvolvimento dos estudos referentes à formação arquetípica do ego e suas conseqüências na vida adulta. Byington afirma que Neumann partiu da obra do pesquisador J.J. Bachofen — em que este demonstra que antes do estágio sócio-mitológico patriarcal da cultura Ocidental existiu o estágio sócio-mitológico matriarcal —, base sobre a qual Neumann postula o desenvolvimento da consciência.

Segundo Neumann, encontramos desde cedo no indivíduo uma tendência ao *automorfismo*: “tendência de formar seu próprio ser a partir dos elementos particulares que o constituem no interior da coletividade e, se necessário, independente dela ou em oposição a ela”.²⁵ Afirma, ainda, que o Self determina um derivado de si próprio que é o ego e que tem como função representar os interesses da totalidade.

A relação com a mãe é a primeira relação que estabelecemos no mundo e é a partir dela que aprenderemos a nos relacionar com ele. Neumann²⁶ observa que o filhote da espécie humana é o único que necessita passar por uma fase in-

²⁴ BYINGTON, Carlos. Junguiana – “O desenvolvimento Simbólico da Personalidade”. In: *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica no. 1*. S. Paulo. Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. 1983. p13.

²⁵ NEUMANN, Erich. *A Criança – Estrutura e Dinâmica da Personalidade em Desenvolvimento desde o Início de sua Formação*. S. Paulo: Cultrix, 1995, 10^a. edição, p. 10.

²⁶ Idem, *ibidem*, p. 9.

tra-uterina e uma fase extra-uterina, pois somente consegue atingir um grau de maturidade após vinte e dois meses do seu nascimento, sendo que nesta fase a criança se encontra física e psiquicamente integrada ao corpo da mãe. Num primeiro momento, a criança se confunde com a mãe, não conseguindo se perceber como um ser diferente desta. É através dos olhos da mãe que a criança percebe o mundo. Seu inconsciente está intimamente ligado ao inconsciente da mãe que o alimenta e lhe proporciona proteção, conforto e amor. Ela passa então a significar prazer e tudo o que este possa proporcionar; como contraponto, toda e qualquer sensação de desprazer, de incômodo e de desconforto também estará inicialmente associada a esta *relação primal* com a mãe.

Esta fase inicial, *pré-egóica*, é representada simbolicamente pelo **uroboros**, a serpente que morde a própria cauda, símbolo que caracteriza a unidade sem opostos dessa realidade psíquica e a ausência de tensão entre os opostos, uma vez que, como nos diz Neumann, a regulação total do organismo da criança se encontra protegida pelo Self da mãe. Nesta fase, mãe e filho formam uma totalidade, não existindo ainda para a criança a discriminação entre mundo interno e mundo externo. Estando contidos na mãe o mundo e o Self, esta é simbolicamente uma fase *paradisíaca*, em que a criança se encontra totalmente imersa no mundo inconsciente. A criança não possui nem um ego estável nem uma imagem corporal delimitada, e esta imagem é tão grande e ilimitada que, de acordo com Neumann, poderia ser chamada de *cósmica*.

Este Self representado pela relação com a mãe, ao longo do desenvolvimento, deve ser deslocado gradativamente para o interior da criança, e o seu

ego aos poucos se tornará apto para o confronto com o “outro”, atingindo uma totalidade individual. O *estágio matriarcal* no qual a consciência principia seu desenvolvimento é regido pelo arquétipo da **Grande Mãe**.

O sentimento de segurança, importante na fase primal, quando a criança ainda se encontra dentro de uma realidade unitária, passa a ser representada, nesta segunda fase, pelo sentimento de confiança em relação ao “tu”, uma vez que a mãe representa este “outro” e conseqüentemente a confiança que a criança poderá adquirir em relação à sociedade em que ela está inserida. É através da confiança de que o seu desconforto será brevemente aliviado por meio da intervenção da “*Mãe Boa*” que a criança irá desenvolver a habilidade para suportar tensões e se submeter às demandas sociais. A criança desenvolve um ego capaz de uma tolerância positiva, assimilando e integrando as qualidades negativas e positivas dos mundos interno e externo, com possibilidade de aceitar a si mesmo e ao meio ambiente ao qual está inserido, preservando a unidade da personalidade. Segundo Neumann: “essa confiança é indispensável para a estabilidade do eixo ego-Self, que é a coluna dorsal do automorfismo individual e posteriormente, de uma consciência e de um ego estáveis.”²⁷

Os aspectos masculinos e femininos estão contidos na realidade unitária e também serão gradualmente vivenciados através do inconsciente da mãe, pela criança, antes mesmo desta se confrontar com o princípio masculino através da relação com o pai. Esse princípio masculino contido na relação primal e transmitido para a criança através do inconsciente da mãe é descrito por Neumann

em dois aspectos: o aspecto animus, que é a contraparte masculina que representa o princípio de logos e de nomos (lei); princípio do espírito e da moral e o **uroboros patriarcal**, uma força masculina arquetípica que se encontra em uma camada mais profunda do inconsciente coletivo. Neumann descreve o uroboros patriarcal da seguinte forma: “Este uroboros patriarcal, enquanto espírito lunar, é um princípio masculino ctônico inferior; um senhor fálico, mitologicamente falando, da sexualidade, dos instintos, do crescimento e da fertilidade, e ao mesmo tempo um princípio espiritual superior que, sob a forma de êxtases e visões, insufla a vidente, a musa, a profetisa e a mulher possuída.”²⁸

Surgem nesta fase as primeiras estimulações positivas e negativas, que irão sobrecarregar o ego, fazendo-o experimentar pequenas tensões e sentimentos de ansiedade, mas que ao mesmo tempo o fortalecerão à passagem para o estágio seguinte.

A “expulsão” do *paraíso primal* faz com que a consciência comece a se pôr em contato com as polaridades prazer/desprazer, bem/mal, fase caracterizada simbolicamente como a “**Separação dos Pais do Mundo**”. Num primeiro momento, na fase pré-egoíca, o casal primordial, pai e mãe, estão contidos na realidade unitária vivida pela criança. A vivência gradativa das polaridades representa simbolicamente a separação dos opostos, pai/mãe, masculino/feminino, luz/trevas, interior/exterior.

²⁷ Idem, *ibidem*, p. 37.

²⁸ Idem, *ibidem*, p. 81.

Progressivamente o ego da criança ganha força para superar o estágio matriarcal iniciando assim o processo de sua independência, assumindo uma posição antropocêntrica, passando a se opor ao arquétipo matriarcal. Neumann associa esta fase ao **arquétipo guerreiro** por acreditar que a libertação da consciência e do ego em relação ao matriarcado só é possível através do ego lutador e heróico. Neste momento, o feminino maternal transforma-se na **Mãe Terrível**, devido à sua capacidade de obstruir o desenvolvimento do ego e afastar o princípio masculino da consciência, sendo representado simbolicamente pelo **dragão** ou pela **bruxa** e transformando-se numa fonte de medo.

Segundo Neumann, este medo é sentido em todas as fases de transição do desenvolvimento psíquico, uma vez que toda transição gera necessidade do ego abandonar uma posição anterior de “conforto”, impelido a lutar contra a “inércia” da psique que tende a se fixar em uma posição conquistada e desenvolvida. Esta “inércia” ou tendência de manter o ego preso, é simbolizada pelo aspecto terrível do arquétipo da fase anterior, podendo assim o ego dele desprender-se e ligar-se ao arquétipo da fase seguinte, ganhando força para vencer o desejo de inércia e de regressão.

É importante enfatizar que, conforme nos diz Neumann, “O conflito jamais tem cunho pessoal; sempre é transpessoal. Mesmo nos casos em que os pais pessoais desempenham um papel – e, na prática sempre o fazem -, a sua participação pessoal é relativamente pequena, ao passo que a dos imagos paren-

tais transpessoais que agem por meio deles é decisiva e superior.”²⁹ Sendo assim, os pais representam neste processo arquetípico “veículos da imagem arquetípica”, e, portanto, muitas vezes o comportamento e os sentimentos atribuídos a eles estão mais relacionados ao arquétipo do que aos pais pessoais.

Na fase seguinte, que representa o início do *Patriarcado*, o pai emprega sua força para o filho, força esta simbolizada pelo **falo**, sendo que o falo aqui possui o significado de “fascinum”, vivenciado como um poder transpessoal possuidor de uma atividade própria. Este pai, transpessoal ou espiritual passa a ser a força individuante que direciona o ego para além do mundo da proteção da mãe e da promessa do pai pessoal. Para que haja, contudo, este distanciamento, é preciso que ocorra rígida discriminação entre o ego e o Self, por meio de polaridades fixas, cujo objetivo vem a ser a organização da consciência, caracterizando-se por um padrão que cultiva a repetição, a memória e a tradição. Devido a estas características surge o *superego*, conceito desenvolvido pela psicanálise — que o descreve como uma parte da estrutura psíquica que corresponde aos códigos morais e aos modelos de conduta, construído na psique da criança através do superego de seus pais. Neumann, no entanto, considera o superego como um dos aspectos da esfera simbólica do pai pessoal, uma vez que este representa o coletivo e é portador do complexo de autoridade ligado aos valores coletivos, sendo que posteriormente, na puberdade, este papel será atribuído pela sociedade. Devido a este dogmatismo, esta fase propicia o desenvolvimento da função

²⁹ NEUMANN, Erich. *História da Origem da Consciência*. S. Paulo: Cultrix 1995, 10^a edição, p.147.

Ego-Persona-Sombra, apresentando como principais características a competição, a organização, a tradição, a ordem e o dever.

Ainda de acordo com Neumann, na puberdade os **arquétipos parentais** são projetados nas figuras do **professor** ou do **líder** de uma forma geral como arquétipo do pai. O arquétipo da mãe é projetado na **pátria**, na **comunidade**, na **igreja**, nos **movimentos (estudantis e políticos)**. O adolescente sai do círculo familiar e entra no coletivo, fase que corresponde ao seu renascimento, identificando-se com o pai, no início do processo, para tornar-se posteriormente, o *pai de si mesmo*. O ego se torna, desse modo, o portador da individualidade, capaz de lidar com a tensão entre a consciência e o inconsciente, sendo iniciado no mundo adulto e se preparando para representar o coletivo de maneira responsável. Necessita desempenhar o seu papel sexual e perseguir um objetivo ao mesmo tempo pessoal e coletivo. Sendo assim, a consciência tende a desdobrar-se na busca de ampliação da relação realista do adolescente com o mundo.

A fase seguinte é marcada pelos arquétipos da **Anima** e do **Animus**, as imagos contra-sexuais adormecidas no inconsciente. Essas imagens são projetadas externamente através da busca de um parceiro, considerado este o tema principal da primeira metade da vida. É a fase da **Alteridade**, do encontro com o “outro”, encontro que se caracteriza pela **conquista e libertação do herói**. O objeto de busca do herói, o tesouro, aparece em lendas e contos de fadas como sendo ora uma princesa, ora o cálice sagrado ou o elixir da imortalidade, representando a busca de algo interior, ou seja, a própria alma. Este estágio relaciona-se à transformação da masculinidade, da força do ego e ao mesmo tempo a

transformação da sua relação com o elemento feminino interno. Ocorre neste processo a separação do aspecto de feminilidade da Mãe Terrível, a superação desta e a cristalização da Anima a partir do arquétipo da mãe. O ego é agora capaz de vivenciar de forma criativa sua posição central, através do eixo *ego-Self*. Para Byinton: “Trata-se de um ego capaz de desapegar-se do seu narcisismo, ‘virar a outra face’ ou ‘amar ao próximo como a si mesmo’ porque sabe a função do Outro no seu desenvolvimento, a tal ponto que pode realmente empatizar o Outro e imaginar trocar de posições com ele.”³⁰

Esta é a principal fase da relação dialética entre o “outro” e o automorfismo que busca tornar o indivíduo um ser único, capaz de viver a sua individualidade e o verdadeiro sentido da sua existência. É a fase em que se inicia o processo que Jung denominou de individuação, em que ocorre o confronto entre o ego e os elementos arquetípicos da **Sombra** e **Anima** (na personalidade do homem) e **Animus** (na personalidade da mulher). O ego, dada a necessidade de adaptação às exigências externas, afastou-se, nos primeiros estágios do desenvolvimento psíquico, do Self; agora deverá fazer o movimento contrário, de retorno à sua verdadeira essência. Contudo, este processo não significa um isolamento ou afastamento social, mas sim o aprimoramento da capacidade de viver a sua unicidade em meio à sociedade. O fato do homem ser um animal social é parte da sua essência e negá-lo seria negar a si mesmo. Esta, portanto, é uma das mais difíceis “tarefas” do homem no caminho do seu desenvolvimento psí-

³⁰ BYINGTON, Carlos. *Junguiana – Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica no.1 (O desenvolvimento Simbólico da Personalidade, p.24), 1983.*

quico, atuar de forma criativa numa sociedade que nem sempre respeita as necessidades do indivíduo.

A partir do processo de individuação o homem caminha para a última fase do desenvolvimento psíquico descrita por Neumann: a *fase cósmica*, caracterizada pelos símbolos da **totalidade**, entre eles, a **Eternidade** e o **Infinito**. A consciência, então, passa a perceber a grandiosidade do Self e a se aproximar dele. Como nos diz Byington³¹, a vivência da totalidade é uma vivência do Self que orienta o ego em todo o seu desenvolvimento, surgindo, portanto, em todas as etapas do processo, por meio das imagens arquetípicas, como por exemplo, na fase matriarcal através da proteção da mãe, na fase patriarcal através da família ou da sociedade, na fase da alteridade através do casamento ou da criatividade profissional, sendo o processo existencial e o cosmos os símbolos da totalidade nesta última fase.

Segundo Byington, não há fundamento em se dizer que a separação em relação à mãe nos abandone à vivência do paraíso perdido transformada em uma busca incessante. A vivência de plenitude e satisfação absoluta é uma vivência do Self pela qual o ego passará muitas vezes na vida, desde que se disponha a abdicar do que já está vivido e morto e a buscar novamente o Todo quando este se anuncia por intermédio de novos símbolos.

A proposta deste trabalho, como foi dito na *Introdução*, é a compreensão da dinâmica da dependência química através de um estudo comparativo ao Mito de Narciso. Por esse motivo, fez-se necessário um estudo mais pormenori-

zado das fases de desenvolvimento psíquico à luz da Teoria Junguiana, uma vez que estas servirão como parâmetro e embasamento para esta análise.

³¹ Idem, ibidem, p.26.

IV. O Mito de Narciso

Apesar de todo o desenvolvimento da civilização e do esforço constante do homem moderno em tentar negar os aspectos simbólicos de sua vida, olhando-os, muitas vezes de forma preconceituosa, estes são elementos importantes de sua psique, interferindo em sua conduta, sem que nos dêmos conta de tal interferência. O homem moderno afastou-se dos símbolos antigos à ponto de não conseguir compreendê-los ou assimilá-los imediatamente. Nem por isso estes deixam de ter importância ou de se fazerem presentes em nossas atitudes cotidianas. Ao contrário disso, analisando a sociedade de uma forma geral, estamos vivendo momentos de caos, de contradições e de violência, estamos perdendo o controle sobre nossas vidas, sendo que o caos surge como consequência do distanciamento do homem em relação à si mesmo, em relação à sua essência. Olhar para o símbolo é olhar para a própria origem, entendê-lo é modificar nossas atitudes perante o mundo.

O símbolo é a expressão do arquétipo que é, conforme já vimos, universal e imutável. Assim, ao longo da história da civilização iremos encontrar os

mesmos símbolos, ainda que na atualidade eles surjam com outra “roupagem”. Portanto, para os estudiosos da mente humana e das civilizações, estudar os símbolos e seus significados ao longo de nossa história é imprescindível para a compreensão da mente humana e do processo de desenvolvimento da humanidade. Por este motivo, encontramos cada vez mais, trabalhos sendo realizados nesta esfera e um número cada vez maior de pessoas interessadas em conhecer tais estudos.

Segundo Brandão³², os mitos passaram a ser estudados com maior seriedade ao final do século XIX, com Bachofen, Freud, Jung, Kerényi, Neumann, M.L. Von Franz, entre outros. Passaram, então, a ser analisados como uma expressão do arquétipo, ou como exteriorizações do inconsciente coletivo.

Devido à importância da compreensão do mito como uma expressão do arquétipo e a atuação deste sobre o inconsciente é que surge neste trabalho o interesse em compreender a dinâmica da dependência química à luz do mito de Narciso.

A história de Narciso foi e ainda é muito estudada, além de ter sido acentadamente utilizada por poetas e artistas, como cita Raïssa Cavalcanti. Freud desenvolveu toda uma teoria baseada no mito de Narciso, sendo que em 1914 publica um trabalho intitulado *Sobre o Narcisismo, uma introdução*, onde caracteriza o narcisismo como uma etapa normal no desenvolvimento psíquico, relacionado à fase inicial deste desenvolvimento na criança. À princípio o narcisismo era visto somente como algo patológico para a psicanálise, sendo que

Freud gradativamente reviu tais conceitos até concluí-lo em 1914. Entretanto, ainda assim, este não era percebido por ele como um aspecto saudável, servindo seus estudos no entanto como base para os estudos posteriores de outros psicanalistas.

Nas obras de Jung não encontramos o desenvolvimento do tema narcisismo. Entretanto, apresenta em seu trabalho uma acentuada valorização do mito, acreditando que este possibilite o conhecimento da psique humana, tanto no que se refere à saúde quanto no que se refere à doença, uma vez que sua teoria está baseada na relação entre os opostos e na importância destes para a regulação da psique, sendo este movimento gerador de energia psíquica. Surgem, no entanto, trabalhos de outros teóricos da Psicologia Analítica referente ao narcisismo, cada qual contribuindo para a compreensão do tema a ser desenvolvido.

Neste trabalho será utilizado como principal referência na análise do mito a teoria de Jung e de Neumann no que se refere ao desenvolvimento psíquico, bem como os trabalhos de Nathan Schwartz-Salant e Raïssa Cavalcanti em seus estudos sobre a interpretação do mito de Narciso dentro de uma perspectiva da psicologia analítica.

Nosso primeiro passo será conhecermos a história de Narciso, para posteriormente compreendermos a dinâmica dos símbolos ligados a este e, posteriormente fazermos um paralelo ao desenvolvimento psíquico.

³² BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega. Vol.II*. S.Paulo. Vozes. 1996. 7ª.edição. p.14.

1. A História de Narciso

A versão mais conhecida do mito de Narciso é relatada por Ovídio (43 a.C. – 18 d.C), nas *Metamorfoses*³³, considerado o mais antigo narrador do mito de Narciso. A escolha por citá-la na íntegra tem como objetivo a busca de um entendimento do mito com um menor grau de interferências que ocorrem ao longo do tempo em virtude de uma evolução natural da expressão dos arquétipos.

A história tem início com o encontro de Liríope e Tirésias, sendo que esta buscava uma resposta em relação ao futuro de seu filho Narciso. Segundo nos conta Brandão³⁴, Tirésias, porque era cego, possui o dom da *mantéia*, da adivinhação. Era um *uates*, um profeta, dotado de *uaticinium*, do poder da predição.

“Ele, famoso por todas as cidades da Beócia, dava respostas que ninguém podia censurar àqueles que o procuravam. A primeira a pôr à prova a veracidade de suas afirmações corretas foi a ninfa Liríope, a quem o deus-rio Céfi-so, abraçou em sua correnteza coleante e a violou, enquanto a mantinha aprisionada em suas águas. Na época apropriada, a bela ninfa deu à luz um menino, a quem uma ninfa amaria mesmo como um menino, e lhe deu o nome de Narciso. Quando perguntado se essa criança viveria muito, o divino replicou: ‘Se ele jamais se conhecer’. Por muito tempo, as palavras do adivinho pareciam ser pala-

vras sem sentido. Mas o que sobreveio mostrou-lhes o acerto – o incidente, o modo como o rapaz morreu, a estranheza de sua louca paixão. Pois Narciso alcançara seu décimo sexto ano e podia ser tomado, quer como um garoto ou como homem. Muitos jovens e muitas donzelas procuraram o seu amor; mas, naquela esbelta forma, era tão frio o orgulho, que não houve jovem ou donzela, que lhe tocasse o coração. Certa vez, caçando um veado assustado, foi Narciso perseguido por uma certa ninfa, de estranha voz, a retumbante Eco, que não podia ficar em paz quando os outros falavam, nem começar a falar enquanto alguém não lhe dirigisse a palavra.

“Na época, Eco tinha forma, não era apenas uma voz; e, no entanto, embora fosse dada a falar, ela não usava a fala mais do que usa hoje – detinha apenas o poder de repetir, dentre as muitas palavras que ouvia, a última que escutasse. Juno a havia feito assim; pois freqüentemente, quando Juno poderia surpreender as ninfas em companhia do seu senhor nas encostas das montanhas, Eco retinha teimosamente a deusa em intermináveis conversas até que as ninfas fugissem. Quando se deu conta disso, Saturnia disse a Eco: ‘Essa sua língua, pela qual fui enganada, terá seu poder reduzido e gozará do mais ínfimo uso da palavra.’ O que sobreveio a Eco confirmou a ameaça de Juno. Não obstante, Eco efetivamente repete as últimas frases de um discurso e devolve as palavras que ouve.

³³ SCHWARTZ-SALANT, Nathan. *Narcisismo e Transformação do Caráter: A Psicologia das Desordens do Caráter Narcisista*. S.Paulo. Cultrix. 1995. 10^a. Edição. p.97 a 101.

³⁴ BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega. Vol.II*. S.Paulo. Vozes. 1996. 7^a.edição. p. 175 e 176.

“Ora, quando viu Narciso vagando pelos campos, Eco foi tomada de amor e o seguiu em segredo; quanto mais o seguia, tanto mais se aproximava da forma de uma chama; era como o enxofre, que queima tão rápido, espalhando em torno da parte superior das tochas, e que se incendeia a partir de uma chama que dele se aproxime. Oh!, quantas vezes pensou ela em chegar até ele, com palavras sedutoras e fazendo suaves súplicas a mesmo! Mas sua natureza não lhe permite isso, nem permite que ela comece a falar; mas seguindo o que sua natureza permite, ela se mostra pronta a esperar os sons que pode transformar em suas próprias palavras.

“Quis o acaso que o rapaz, separado dos seus fiéis companheiros, exclamasse: ‘Há alguém aqui?’; e Eco exclamou: ‘Aqui.’ Surpreso, ele olha em todas as direções e, em voz alta exclama ‘Aproxima-te!’ e ela replica ‘Aproxima-te!’ Ele olha para trás de si e, como não vê ninguém se aproximando, exclama outra vez ‘Por que foges de mim?’ e ouve em resposta, suas próprias palavras. Ele pára, enganado pela voz que responde e diz: ‘Aqui nos encontraremos’. Eco, que jamais repetiu um som com tanto prazer, diz: ‘Nos encontraremos’ e, para transformar suas próprias palavras em ação, sai da vegetação para poder atirar seus braços em torno do pescoço ao qual deseja abraçar. Mas ele foge dela e, fugindo, diz-lhe: ‘Retira as mãos! Não me abrace! Que eu morra antes de conceder-te poder sobre mim!’ ‘Conceder-te poder sobre mim’, diz ela e se cala.

“Assim rejeitada, ela se recolhe à floresta, oculta sua face envergonhada entre a folhagem e passa a viver, a partir de então, em cavernas vazias. Mas ainda assim, desprezada, seu amor permanece e se transforma em desespero;

seus cuidados insones desfazem suas formas desgraçadas; ela se torna descarnada e enrugada e todo o viço no seu corpo se desmancha no ar. Restam apenas sua voz e seus ossos; depois, apenas a voz; pois dizem que seus ossos se transformaram em pedra. Ela se esconde nas florestas e já não é vista nas encostas das montanhas; mas todos a podem ouvir, pois a voz, e somente a voz, ainda vive nela.

“Assim como a desdenhou, Narciso desdenhou outras ninfas das ondas ou das montanhas; e, da mesma forma, desprezou a companhia dos homens. Por fim, uma dessa jovens desdenhadas, elevando as mãos aos céus, pediu: ‘Pois que possa ele amar a si mesmo e não obter aquilo que ama!’ A deusa Nêmesis ouviu sua justa prece. Havia uma clara fonte de límpida água prateada, à qual nenhum pastor, ou cabra que se alimentava nas encostas da montanha ou qualquer outro gado haviam chegado; a fonte cuja superfície perfeita jamais havia sido maculada por ave, besta ou galho caído. Havia grama em toda volta da fonte, alimentada pela água próxima, assim como uma mata que jamais padecia sob o sol para aquecer o local. Ali o jovem [Narciso], exausto pela caça e pelo calor, repousa, atraído até aquele sítio pela paisagem e pela fonte.

“Enquanto tenta aplacar sua sede, outra sede o acomete, e , enquanto bebe, enamora-se pela visão da bela forma que vê. Ele ama uma esperança sem substância e crê ser substância o que não passa de sombra. Ele olha, num mudo deslumbramento, para si mesmo, e ali se deixa ficar, imobilizado, com a mesma expressão, como se fora uma estátua esculpida no mármore de Paros. Estendido no solo observa seus próprios olhos, estrelas gêmeas, e seus cabelos, dignos de

Baco, dignos de Apolo, observa suas bem talhadas, seu pescoço de marfim, a gloriosa beleza de seu rosto, o rosado combinado à brancura da neve: enfim, tudo aquilo que nele provoca é por ele mesmo admirado.

“Inadvertidamente, ele se deseja a si mesmo; ele louva o que vê e é a si próprio que ele louva; e, enquanto busca, é buscado; ele é a um só tempo, causa de amor e um ardoroso apaixonado. Quantas vezes oferece ele vãos beijos à enganosa fonte! Quantas vezes lança os braços na água buscando abraçar o pescoço que ali vê e, não obstante, não segura a si mesmo neles! Ele não sabe o que vê, mas arde de amor pelo que vê e a mesma ilusão zomba dos seus olhos e os enfeitiça. Ó, jovem, apaixonadamente tolo, porque buscas, debalde, abraçar uma imagem fluída? O que procuras não está em parte alguma; mas dai as costas e o objeto do seu amor já não existirá. Aquilo que contemplas não passa da sombra de uma imagem refletida e nada tem de substância. Contigo ela vem, contigo ela fica e contigo ela irá – se puderes ir.

“Não há alimento ou descanso que dali o afaste; e ele, estendido na sombreada grama, fita a falsa imagem com olhos que não podem olhar aquilo que os preenche e, por seus próprios olhos, perece. Elevando-se um pouco, e estendendo os braços na direção das árvores, lamuria-se: : ‘Alguma de vós, ó árvores, tereis um dia amado tão cruelmente quanto eu? Sabeis do que falo, pois tendes sido o conveniente abrigo de tantos amantes. Lembrai-vos, nas idades passadas – pois é de século vossa vida -, de alguém tão arrebatadoramente apaixonado? Estou enfeitiçado e vejo; mas aquilo que vejo, e que me enfeitiça, não posso alcançar – tão grande é a ilusão que merece meu amor. E, para tornar mais

cruel meu sofrimento, não um poderoso oceano, uma longa estrada ou cadeias de montanhas nos separam; somos apartados por uma tênue barreira de água.’

“O próprio [objeto do meu amor] está ávido por ser abraçado. Pois, sempre que estendo os meus lábios na direção da luminosa onda, ele, com a face levantada, tenta chegar com seus lábios aos meus. Diríeis que ele pode ser tocado – tão frágil é a barreira que nos separa os corações apaixonados. Quem quer que sejas, vem até a mim! Por que, jovem ímpar, me escapas? E para onde vai quando luto por alcançar-te? Por certo minha forma e minha idade não merece teu desdém e a mim amaram as ninfas. Ofereces alguma esperança com teus amáveis olhares e, quando estendi meus braços, também estendeste os teus. Quando sorri, sorriste; e muitas vezes vi, quando chorei, as lágrimas que corriam de tuas faces. Responde aos meus apelos com meneios de cabeça e suspeito, diante dos movimentos de teus doces lábios, que também respondes às minhas palavras, mas com palavras que não me chegam aos ouvidos. – Oh! Eu sou ele! Eu o senti, conheço agora minha própria imagem. Ardo de amor por mim mesmo; eu mesmo provooco as chamadas e sofro o seu efeito. Que devo fazer? Devo cortejar ou ser cortejado? E, afinal, para que fazê-lo? O que eu desejo eu tenho; a própria abundância da minha riqueza me faz mendigo. Oh! Se eu pudesse ser separado do meu próprio corpo! E, estranho desejo de um amante, gostaria que aquilo que amo estivesse apartado de mim! E o sofrimento me tira as forças; mas tenho ainda alguma vida e me vejo privado dela em plena juventude. A morte nada é para mim, pois na morte ficarei livre dos meus problemas; eu gos-

taria que aquele que é amado pudesse viver mais; mas, nessa situação, devemos morrer juntos num único fôlego.”

“Tendo falado, Narciso, um tanto desesperado, voltou-se para a mesma imagem. Suas lágrimas turvaram a água e, tênue, desapareceu a imagem na água perturbada. E ele, vendo-a partir assim, exclamou: ‘Oh! Para onde vais? Fica aqui, e não abandones aquele que te ama, ó cruel! Que eu ainda possa fitar aquilo que não posso tocar e possa, ao fazê-lo, sentir minha infeliz paixão.’”

“Enquanto se lamenta nesses termos, ele despe seu manto e golpeia o peito nu com pálidas mãos. Seu peito, quando golpeado, exhibe um delicado rubor; tal como as maçãs, embora parcialmente brancas, exibem um rubor em grande parte ou como uvas, pendentes dos cachos, que apresentam um tom púrpura quando ainda não amadureceram. Tão logo vê isso, quando a água volta a ficar límpida, ele não mais suporta; e assim, como a cera amarela se derrete ao mínimo calor, e brancas gotas de orvalho se dissolvem ao quente sol da manhã, assim também Narciso, esgotado pelo amor, se desmancha, e é consumido, pouco a pouco pelo seu fogo oculto. Ele já não tem o róseo combinado ao branco, nem a força e o vigor de outrora, nem aquilo tudo que era tão prazeroso ter nos braços; pouco lembra sua forma, aquela que Eco amou tão ardentemente. Mas Eco, quando o vê, embora ainda irada e pouco disposta a perdoá-lo, sente pena dele; e, toda vez que o pobre jovem diz ‘Ai!’, com as mãos golpeando o peito, ela lhe devolve os mesmos sons de pesar. Suas últimas palavras, ditas quando ele ainda fitava a familiar fonte, foram: ‘Ai! querido rapaz, amado em vão!’, e o

lugar lhe devolveu suas próprias palavras. E quando ele disse ‘Adeus!’, também Eco disse ‘Adeus!’.

“Ele deitou sua torturada cabeça na verde grama e a morte fechou os olhos que se maravilharam à visão da beleza do seu senhor. E mesmo quando foi recebido na morada dos seus infernais, continuou a fitar sua própria imagem na fonte da Estinge. Suas irmãs náiades batem no peito e cortam os cabelos, em sinal de pesar pelo irmão morto; as dríades também lamentam e Eco lhes devolve os sons de tristeza. E elas foram preparando a pira funerária, as tochas de mão e o ataúde; mas o corpo de Narciso não foi encontrado. Em lugar do seu corpo, elas encontraram uma flor, cujo centro amarelo estava cercado de pétalas brancas.

“Quando esta história foi contada além, aumentou a bem merecida fama do vidente por todas as cidades da Grécia e grande era o nome de Tirésias.”

2. A interpretação do Mito de Narciso

Para Schwartz-Salant,³⁵ o tema central do mito de Narciso, é a “imagem da existência psíquica que se encontra entre as polaridades pessoal e arquetípica, fazendo parte de cada uma delas e ao mesmo tempo, delas apartada”. Ou seja, a figura de Narciso se encontra em grande conflito não conseguindo a aproximação necessária de seu mundo interno, e ao mesmo tempo não conse-

guindo se relacionar com o mundo externo. Ele se encontra em um estado de entorpecimento e torpor. Brandão³⁶ nos diz, à respeito do significado da palavra Narciso, *Narkissos*, que apesar de não se haver uma certeza quanto à sua origem, uma vez que não é uma palavra grega, é possível ser feita uma aproximação com o elemento *nárke*, chegando a um significado de “entorpecimento, torpor”. *Nárke* é também a base etimológica da palavra narcótico.

Narciso era filho do rio Céfiso, o que banha, o que inunda e da ninfa Liríope, que talvez signifique voz macia como um lírio, segundo Brandão, mera hipótese.

Céfiso representa, arquetipicamente, o uroboros patriarcal. Ele é o deus-rio, hierarquicamente superior a Liríope que é uma ninfa, surgindo como uma força dominante e opressora. Está relacionado ao elemento água, a matriz das possibilidades, a origem da vida, o inconsciente representado em seu aspecto masculino, o potencial masculino fertilizador do inconsciente coletivo.

Liríope, sendo uma ninfa, também possui como elemento simbólico principal a água. De acordo com Cavalcanti³⁷, ela representa o Uroboros Matriarcal, sendo a ninfa um ser “diáfano e evanescente”, ligado à natureza, ou seja, é um ser mais receptivo e passivo, capaz de acatar o desejo do Self no que se refere à receptividade uterina para o desenvolvimento da consciência e imposição do novo. Ao mesmo tempo, o sentimento de ser violentada pode estar associado ao

³⁵ SCHWARTZ-SALANT, Nathan. *Narcisismo e Transformação do Caráter: A Psicologia das Desordens do Caráter Narcisista*. S.Paulo. Cultrix. 1995. 10^a. Edição. p.94.

³⁶ BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega. Vol.II*. S.Paulo. Vozes. 1996. 7^a.edição . p. 173.

³⁷ RAÍSSA, Cavalcanti. *O Mito de Narciso – O Herói da Consciência*. S. Paulo. 1997. 10^a. edição. p.103.

fato de Liríope ser muito receptiva, mas pouco crítica na relação com o outro, permitindo que este tome posse de suas potencialidades e, portanto, necessitando estabelecer relações simbióticas e evidenciando um ego imaturo.

Sendo assim, a união de Céfiso e de Liríope representa, a irrupção do masculino na consciência matriarcal feminina. Esta união se deu por um ato de violência, sendo que no entanto podemos analisar esta violência sob o aspecto positivo ou negativo. Em seu aspecto positivo esta força masculina possibilita o desenvolvimento da consciência uma vez que surge de forma a alterar algo, trazendo novos elementos que devem se integrar e gerando o início da divisão da unidade em polaridades masculino e feminino. Em seu aspecto negativo esta mesma força paralisa o desenvolvimento, pois segundo Schwartz-Salant esse “impulso masculino de poder esmaga o feminino – nos homens e nas mulheres – e a capacidade de ser – essencial para a consciência do “eu sou”, elemento central da formação da identidade – está ausente, há em seu lugar um fazer compulsivo”³⁸.

Narciso, segundo Raissa Cavalcanti, surge simbolicamente como a representação do três, uma vez que o um representa a unidade urobórica, o dois é aquele que divide esta unidade nos opostos, é a separação dos “pais do mundo”, é o que gera a tensão e o conflito, mas também a energia criativa. O três é o produto criativo, a soma do um e do dois, do masculino e do feminino e a possibilidade de reconciliação dos opostos, que formará o símbolo quatro. Em Narciso

³⁸ SCHWARTZ-SALANT, Nathan. *Narcisismo e Transformação do Caráter: A Psicologia das Desordens do Caráter Narcisista*. S.Paulo. Cultrix. 1995. 10^a. Edição. p.104.

está portanto depositada a possibilidade do desenvolvimento da consciência. Ele se encontra exatamente na fase do desenvolvimento psíquico em que, segundo Schwartz-Salant, “o mundo da mãe não é todo abrangente e ainda não é libertador; os elementos da existência masculina encontram-se vinculados ao maternal, manifestando-se como uroboros patriarcal, a espera de uma relação espiritual que lhes promova a separação”³⁹.

Na medida em que ocorre a separação, surge a sensação de falta, a angústia da perda de um estado de completude, um sentimento de imperfeição e de impotência, a quebra da comunhão paradisíaca e, portanto, uma necessidade de buscar o objeto que irá preencher esta falta e tirar o eu do estado de ingenuidade que não admite os opostos.

Num primeiro momento do enredo do Mito, Narciso vive em estado de onipotência, estado representado pela primeira fase do desenvolvimento psíquico em que, segundo Neumann, não existe divisão entre opostos, não existe tensão, uma vez que tudo contém e está contido, é uma fase onde não há discriminação entre mundo interno e o mundo externo. Narciso é, nesta fase, auto-suficiente, não necessita se relacionar com o outro por se sentir completo.

É nesta fase inicial que o relacionamento materno é primordial uma vez que a mãe, representando esta totalidade, é o self e o mundo para a criança e, de acordo com a visão de desenvolvimento psíquico para Neumann, a confiança estabelecida pela criança nesta relação possibilita que esta desenvolva confiança

³⁹ idem, ibidem, p.95.

no mundo e em si mesmo, podendo assim relacionar-se com o mundo interno e externo de forma segura. É o estabelecimento do eixo ego-Self.

Esta fase inicial do mito, a relação com o materno, é primordial para que possamos entender o desenrolar dos fatos. Líriope representando o uroboros matriacal, vê em Narciso a perfeição. Narciso é belo, tão belo que ela se preocupa com o seu destino e, por meio de Tirésias, busca a resposta, que diz respeito ao conhecimento. Narciso, segundo ele, viveria muito desde que não se conhecesse.

Tirésias representa o “velho sábio”, aquele que possui o conhecimento das verdades internas, é aquele que viveu a separação das polaridades, viveu o masculino e o feminino e, posteriormente a síntese dos opostos, atingindo assim o conhecimento pleno.

Esta passagem pode ser interpretada como a representação do medo de Líriope quanto ao afastamento de Narciso, viver muito pode significar viver ao seu lado, viver a fusão com o materno. A mãe, nesta fase inicial do desenvolvimento psíquico, também vive um estado de fusão com a criança, e conseqüentemente o medo da perda e da ruptura deste estado simbiótico. O medo de Líriope simboliza o temor da perda deste filho, de que ele cresça e a abandone. Líriope sendo ninfa necessita refletir sua potencialidade no outro, não a reconhecendo em si mesma, logo, Narciso representa para ela o seu aspecto positivo, belo e perfeito. Ela se projeta em Narciso e necessita dele para se sentir completa e,

este estado simbiótico impossibilita que ela o perceba em sua totalidade e que seja um reflexo desta totalidade, impossibilitando assim o seu desenvolvimento.

Narciso parte para a caça na floresta. A travessia na floresta simboliza na vivência humana o processo de individuação, o caminho do desenvolvimento da consciência. A caça representa, segundo Raïssa Cavalcanti, a busca ativa do objeto perdido e ao mesmo tempo a relação destrutiva com este objeto. Narciso caminha em busca de completar-se, pois agora se percebe “ferido” e sua ferida é a percepção da falta. Caçar significa buscar o que lhe falta através do uso do poder e da força, poder e força que anulam o objeto e ao mesmo tempo o utiliza como forma de gratificação. Simboliza a necessidade de domínio e de controle, necessidade de afirmar sua superioridade e sua invulnerabilidade, mantendo assim a imagem onipotente de perfeição. Há um desejo de contato e de aprovação do outro através de seu desempenho e ao mesmo tempo surge a agressividade contra o objeto representando a raiva que sente pela dependência da aprovação do outro.

O encontro com Eco representa um outro estágio do desenvolvimento psíquico. Eco foi privada de sua capacidade de expressão dos sentimentos, punição de por Hera por ter dado cobertura para as transgressões de Zeus, simbolicamente, segundo nos diz Raïssa Cavalcanti⁴⁰ ela tenta ludibriar os valores da consciência, agindo de maneira indiscriminada e se colocando a serviço de polaridades opostas, sem procurar fazer a integração discriminada desses opostos. Eco é receptiva à dinâmica da onipotência narcísica, reforça a noção de onipo-

tência e não permite que o outro perceba as suas faltas, impossibilitando assim seu desenvolvimento psíquico. Hera pune Eco e assim possibilita sua cura, obriga-a a vivenciar o sofrimento da auto-expressão, podendo assim adquirir existência psíquica. Uma vez que ela é privada de se expressar, necessita calar-se e refletir, escutar a própria voz e conhecer seu potencial.

Eco é a contraparte feminina de Narciso, simboliza o seu oposto, aquela que busca o relacionamento com o outro em sacrifício da sua identidade, capaz de se expressar somente através do outro. Ela faz com que ele depare com o mundo real, obrigando-o a se relacionar com seu mundo interno, como com o externo, representando, além disso, a possibilidade de vínculo, de relacionamento consigo mesmo, com o outro, com o mundo e com o Self.

Narciso rejeita Eco, apavora-se, sente medo de se tornar dependente e de ser dominado pelo outro, uma vez que a relação afetiva envolve a necessidade de confiança e de entrega. A rejeição de Eco simboliza em Narciso a sua dificuldade de crescimento, a sua fixação na fase matriarcal, na relação com a mãe, seu desejo de se manter no paraíso primordial, onde não existe tensão entre os opostos, onde não existe necessidade de tomar iniciativas, de discriminar. Narciso deseja se manter protegido pela Grande Mãe.

Em seu caminho pelo processo de individuação Narciso se nega ao relacionamento com o outro, ele nega a própria natureza, nega a tendência ao automorfismo e é punido por Nêmesis.

⁴⁰ RAÍSSA, Cavalcanti. *O Mito de Narciso – O Herói da Consciência*. S. Paulo. 1997. 10^a. edição. p.133.

Nêmesis representa, segundo Raïssa Cavalcanti⁴¹, o arquétipo da deusa da justiça, o arquétipo da velha sábia. Ela revela a vontade dos deuses, o desejo do Self de se expressar através do processo de individuação, é o impulso para o desenvolvimento. Em seu aspecto positivo Nêmesis surge como fonte de fé e de esperança, despertando para o interesse e a curiosidade pela vida, para a busca do conhecimento, o desenvolvimento espiritual de Eros que inicialmente surge através da busca do prazer e da gratificação e posteriormente na busca do conhecimento. Ela é a base do desenvolvimento para um padrão ético interno, anterior às leis paternas e à formação do superego.

Em seu aspecto negativo Nêmesis surge como a falta de fé e de confiança na vida e conseqüente medo do futuro e, portanto, do conhecimento e desenvolvimento psíquico. Um distúrbio na relação primal pode ser sentido como uma falta cometida, podem surgir fantasias de destruição do objeto bom e conseqüente punição associada a esta falta, o que mobiliza fortes sentimentos de angústia e uma fragmentação do ego.

Nêmesis pune Narciso fazendo com que ele se apaixone pela própria imagem. Sua punição é a oportunidade de Narciso sair de um estado de indiferenciação ego-Self, de seu estado de inflação e onipotência psíquica. Esta punição pode levá-lo a ficar preso neste estado indiferenciado de identificação com a imagem grandiosa do Self ou se reconhecer separado do Self e partir para o caminho do crescimento da consciência do ego, para o processo de individuação.

⁴¹ idem, ibidem, p.123.

Segundo Jung, a doença é a oportunidade para a cura da alma, é através do cometimento da falta que surge a oportunidade da redenção.

Narciso se debruça na fonte para “matar sua sede” e se depara com a própria imagem. Esta sede simboliza a sede da alma, a sede de sua completude, uma vez que ele percebe a falta, desvinculado da sensação de completude inicial ele busca esta complementação. Entretanto o que vê o fascina, o reflexo de si mesmo. Apaixona-se por si mesmo. Segundo Cavalcanti⁴² o ato de olhar-se em Narciso está relacionado ao impulso para a diferenciação do eu em relação ao outro, à busca da identidade, da saída da fusão com o Self.

Segundo a autora, devemos nos remeter às observações de Neumann: para ele, no início, o ego sente-se exposto à força desintegradora dos impulsos e dos sentimentos, e só aos poucos consegue sentir-se mais coeso. A percepção da imagem de si mesmo através do corpo fornece a imagem da totalidade da personalidade e fortalece o sentimento de coesão. A unidade do corpo é uma conquista do ego no processo de desenvolvimento, pois o que é experimentado arcaicamente é a imagem do corpo fragmentado.

É justamente esta unidade que Narciso busca, o fato de se manter preso ao reflexo faz com que perceba o próprio corpo em detalhes. Necessita dobrar-se sobre si mesmo, sair de sua onipotência, ser capaz de refletir. Narciso é carente de reflexo, expressando através de sua fixação a necessidade e o desejo de ser refletido para que possa formar a auto-imagem, a sua auto-reflexão é a sua entrada no mundo simbólico. Entretanto, um dos perigos desta fixação diante do

reflexo é a identificação com o Self e o isolamento dentro de si mesmo. A necessidade do encontro e o medo de solidão podem levar a uma regressão e conseqüente negação de sua diferenciação.

O encontro com a realidade exige que o ego abdique de seus desejos regressivos e inflacionários para enfrentar sua tarefa de herói da consciência. No entanto, um eixo ego-Self deve ser mantido para que se preserve a conexão vital, necessária para o crescimento psíquico e para que seja possível o retorno do herói a essa fonte original. O encontro do ego com o Self deve ser feito de forma discriminada, na qual o ego tem consciência de sua existência como entidade separada e distinta do Self e da finalidade desse reencontro.

Narciso discrimina aquela imagem como sendo ele mesmo, mas o encantamento é maior do que sua força para se distanciar daquela imagem. Afastar-se do Si-mesmo seria insuportável e Narciso não se sente suficientemente forte para suportar a dor. O fato da imagem não estar presente, diante de seus olhos, a faz ser inexistente. Narciso não consegue simbolizar, não consegue imaginar sua existência sem o reflexo da própria imagem e definha até a morte.

Narciso se transforma em uma flor delicada, cujo centro amarelo é rodeado de pétalas brancas. A flor de narciso floresce na primavera, em lugares úmidos. Ela está ligada ao simbolismo das águas e do ritmo das estações do ano; representa, portanto, a fecundidade, a morte e o renascimento. Sendo assim, a morte de Narciso pode ser interpretada como a sua possibilidade de transformação e de renascimento para uma vida mais fecunda que, dentro da constante bus-

⁴² idem, ibidem, p.205.

ca de desenvolvimento natural do Self guiado pelo ego, pode representar nossa constante transformação e a ampliação da consciência nos diferentes estágios da vida.

V. Um paralelo entre o Mito de Narciso e a Dependência Química

O mito de Narciso nos remete ao caminho que todos percorrem no desenvolvimento da consciência. Tal caminho se inicia com o nascimento e nos coloca junto ao aconchego matriarcal – um momento paradisíaco, perfeito devido à sua completude, onde nada nos falta, nada nos aflige, todas as nossas necessidades estão satisfeitas ou sanadas, possibilitando que cresçamos protegidos e fortes, mantendo assim nossa sobrevivência e a sobrevivência da nossa espécie.

Num segundo momento há uma necessidade de afastamento deste paraíso para caminharmos em direção ao crescimento, ao amadurecimento e, portanto, ao distanciamento deste momento de proteção inicial. É preciso adquirirmos independência, força para gerar nossa própria subsistência, fator primordial à sobrevivência da espécie. É preciso que cresçamos, nos adaptemos às regras da sociedade em que nos inserimos, aprendamos a nos relacionar com o grupo e com as leis por ele determinadas.

O terceiro momento é quando necessitamos ir ao encontro do nosso parceiro, “acasalar”, constituir família, gerar nossos filhos e dar continuidade à nossa espécie. Agora, além de mantermos nossa própria sobrevivência, necessitamos prover a família, proporcionar a eles o aconchego inicial necessário.

Num quarto estágio será preciso caminhar para a sabedoria maior, nos voltarmos à nossa essência, compreendendo o significado de todo o percurso e transmitindo tal sabedoria às próximas gerações. Necessitamos evoluir além das necessidades básicas pois estas já foram supostamente atingidas. Este é o caminho da evolução da humanidade, este é o caminho da evolução do indivíduo.

Fazemos parte de um contexto social e cósmico, onde a evolução se dá a partir do desenvolvimento de cada membro nele contido. Tal processo faz parte de nosso inconsciente coletivo, é arquetípico e tem como objetivo o desenvolvimento do ser humano como um todo, a evolução natural de nossa cultura. Entretanto, para que haja esta evolução é preciso que estejamos cada vez mais conscientes deste processo. O caminhar seguro se dá a partir do conhecimento que possuímos da nossa parcela de contribuição nesta evolução, o processo de evolução da raça humana. Negar esta necessidade é negar a própria essência, é negar o relacionamento com o outro, com o parceiro, com a sociedade e com a nossa “missão” dentro da cadeia de evolução. É ficar preso ao próprio reflexo da mesma maneira que ocorreu com Narciso e que ocorre com o dependente químico.

O caminho do desenvolvimento psíquico e conseqüente evolução da humanidade, apesar de sugerir à princípio um idéia simples e básica, envolve no entanto processos extremamente complexos, que por vezes impedem seu fluxo natural.

Como dissemos inicialmente, na interpretação do mito de Narciso, o enredo desse mito representa o conflito entre o mundo real e o mundo arquetípico: “suspenso” entre estes dois mundos, Narciso não consegue se relacionar com o mundo interno nem tampouco com o mundo externo. Sua história retrata, segundo Montellano⁴³, um período de transição expresso pelas figuras de Zeus e Hera que representam a organização patriarcal da cultura vigente (a Grécia Antiga), em busca do padrão pós-patriarcal de alteridade, do relacionamento com os opostos, tendo como principal tarefa o confronto com a sombra e a diferenciação criativa do potencial arquetípico.

Schwartz-Salant⁴⁴ argumenta que o mito de Narciso possui um significado especial em nosso momento histórico atual pois passamos por um período de transição em que as formas religiosas coletivas não mantêm o mundo arquetípico em tensão. Assim, ao atrair para ele a consciência, proporciona-lhe um sentimento de onipotência do ego, o que produz a paralisia do processo de desenvolvimento. Esta atração não gera, entretanto, a fusão entre os planos pessoal e arquetípico e sim uma transição entre a capacidade de ver as pessoas como reais e a consciência do plano arquetípico como não-ego, ou seja, o Self. O ego se

⁴³ MONTELLANO, Raquel Porto. “Narcisismo: Considerações Gerais”. In: *Junguiana: Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica* no. 14 .S. Paulo. Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica.1996.p.88.

encontra num domínio intermediário, num domínio de auto-objetos e de transferências idealísticas.

É neste ponto em que se cruzam a história de Narciso e a história do dependente químico. Quando analisamos as observações de especialistas que trabalham diretamente com o dependente, percebemos que seu comportamento está bastante próximo ao comportamento de Narciso. Segundo nos relata Silveira Filho: “A identidade fragilizada do toxicômano, através da experiência drogaditiva, é mascarada por uma auto-imagem heróica e onipotente, quase divina, que, entre outras coisas, vai transformar substancialmente a sua relação com a morte.”⁴⁵ Ele nos mostra aqui a identificação do dependente químico com o self, uma auto-imagem quase divina, porém esta identificação não chega a ocorrer de fato, pois ela não chega a ser divina, estando o dependente químico “suspenso” entre o sagrado e o profano.

Outra referência que nos mostra este estado de “suspensão” no dependente químico é a transgressão das leis. Sua transgressão todas as leis estabelecidas na sociedade (as leis do mundo patriarcal) no faz pensar se não é possível que, num primeiro momento, ele negue as leis patriarcais por estar “preso” às leis matriarcais, sem noção lógica de tempo, buscando o prazer imediato, inadiável, rompendo estas leis na busca alucinada do que lhe falta. Entretanto, sua desorganização e a perda da preservação da vida, ou seja, de suas relações com o

⁴⁴ SCHWARTZ-SALANT, Nathan. *Narcisismo e Transformação do Caráter: A Psicologia das Desordens do Caráter Narcisista*. S.Paulo. Cultrix. 1995. 10^a. Edição. pp.95-96.

⁴⁵ SILVEIRA FILHO, Dartiu Xavier da. *Drogas — uma Compreensão Psicodinâmica das Farmacodependências*. S. Paulo: Casa do Psicólogo, 1995, pp. 11.

Eros, também está prejudicada. Logo, ele transgride as leis do universo patriarcal e do universo matriarcal.

O dependente químico assim como Narciso, sente que não está completo, busca desesperadamente a unidade, a sensação de totalidade inicial e sai à caça da mesma maneira que faz Narciso. Ele também é um caçador na busca ativa do objeto supostamente perdido e, na busca do que lhe falta, impõe seu poder “destruindo” tudo à sua volta, fragmentando-se cada vez mais, caminhando para o profano em busca do divino. Esta força e poder destrutivo associam-se ao aspecto negativo do arquétipo do uroboros patriarcal, força que anula os aspectos criativos do feminino, impossibilitando um desenvolvimento mais equilibrado.

Uma observação importante que Schwartz-Salant⁴⁶ em relação ao mito de Narciso é que este se encontra na fase mágico-fálica do desenvolvimento do ego - como Neumann⁴⁷ a define - estágio em que o ego, apesar de estar ainda ligado à Grande Mãe, é mais ativo, procriativo e fálico. Contudo, simbolicamente, seu ato fecundante sempre termina com sua morte nas mãos da Grande Mãe, pois ainda se encontra sob o seu domínio. Ele ainda não se liga a um poder arquetípico que o fortaleça suficientemente para formar um contrapeso ao arquétipo da Grande Mãe. Neste estágio somente a emoção torna o mundo significativo. Esse mundo tomado pela emoção na busca de significado é dominado pela

⁴⁶ SCHWARTZ-SALANT, Nathan. *Narcisismo e Transformação do Caráter: A Psicologia das Desordens do Caráter Narcisista*. S.Paulo. Cultrix. 1995. 10^a. Edição. p.94.

⁴⁷ NEUMANN, Erich. *A Criança – Estrutura e Dinâmica da Personalidade em Desenvolvimento desde o Início de sua Formação*. S. Paulo: Cultrix, 1995, 10^a. edição, p. 122.

vida simbólica, a experiência não é vivida pela consciência, mas por meio de símbolos e arquétipos.

Este é um outro aspecto presente na dinâmica do dependente químico, pois, como afirma Silveira Filho: “Nos dependentes, a relação com a mãe evoca, freqüentemente, uma sensação de afastamento e de vazio. Simbiose e ambivalência são freqüentemente observadas. A imagem materna é freqüentemente carregada de conotação fálica e agressiva. Observamos aqui o aspecto arcaico da mãe não-humanizado.”⁴⁸ Podemos supor, por isso, que há uma paralisação do desenvolvimento do ego do dependente químico na fase mágico-fálica, gerando uma forte atração pela Grande Mãe, fonte de proteção e de amor, um desejo regressivo de retornar ao estágio de participação mística inicial e ao mesmo tempo um medo de que esta o devore e o faça regredir, sugerindo, simbolicamente, a passagem do herói que deve lutar contra o dragão urobórico para preservar o ego, vencer a fascínio do mundo matriarcal e ingressar no patriarcado. No entanto, esta é a mãe arquetípica e não a mãe pessoal, fazendo-nos supor que, como foi citado anteriormente, o dependente demonstre encontrar-se num estágio intermediário entre o mundo real e a mundo arquetípico, sem conseguir estabelecer uma relação discriminada com a mãe pessoal e uma relação simbólica com o arquétipo da Grande Mãe.

Segundo Neumann, no decorrer do desenvolvimento psíquico, os aspectos associados à Mãe Terrível devem ser integrados à sombra, enquanto que

⁴⁸ SILVEIRA FILHO, Dartiu Xavier da. *Drogas — uma Compreensão Psicodinâmica das Farmacodependências*. S. Paulo: Casa do Psicólogo, 1995, pp.33.

os aspectos relacionados à Mãe Boa devem permanecer na consciência. No dependente químico parece ocorrer uma invasão destes aspectos inconscientes, o que irá proporcionar um sentimento persecutório e acentuar sua dificuldade de discriminação entre os aspectos internos e externos de sua realidade.

A mesma hipótese pode ser estabelecida no que se refere à sua relação com o pai: surge aqui, novamente, um relacionamento indiscriminado, em que o arquétipo do uroboros patriarcal é vivenciado diretamente por meio do pai pessoal, como podemos observar no seguinte afirmação de Silveira Filho: “Os conteúdos relativos à imagem paterna são freqüentemente impactantes e paralisantes, carregados de agressividade. Em grande parte dos casos observamos não ter sido igualmente possível a humanização da imagem masculina, pela ausência de contato com uma figura humana adequada. Para muitos dependentes, o distúrbio do dinamismo patriarcal dificulta a organização egóica no nível do real, do imaginário e do simbólico. Este distúrbio se manifesta na clínica pela transgressão, ausência de limites (desproporcionalidade, rigidez e atuações [acting-out]).⁴⁹”

Concluindo que o dependente químico paralisado no estágio mágico-fálico, devemos supor que a relação que ele estabelece tanto com o arquétipo do pai quanto com o arquétipo da mãe fazem parte do mesmo “todo”; o aspecto masculino e o feminino nesta fase estão ainda contidos na Grande Mãe e, portanto, ambos são tratados de forma indiferenciada, de modo que o sentimento será o mesmo em relação a ambos. A Mãe Terrível é vivenciada neste estágio em seus aspectos feminino e masculino, bem como estão associados a esta fase o

“casal primordial”, não havendo ainda a polarização entre masculino e feminino, entre pai e mãe.

Segundo Schwartz-Salant⁵⁰, o uroboros patriarcal, em seu aspecto negativo, provoca um acentuado medo de inundação de forças inconscientes, enfraquecendo o ego e o pressionando a atuar, a realizar ações desprovidas de sentido na busca de preservar sua existência, tornando-o incapaz de simplesmente ser e de valorizar esta existência de forma tranqüila.

Silveira Filho faz outra observação importante em relação à dinâmica do dependente químico: “Percebe-se na clínica a existência de uma mãe simbiótica, ambivalente, ao mesmo tempo superprotetora e abandonadora, assim como de um pai que abdica de seu papel, configurando-se habitualmente como ausente ou impotente.”⁵¹

Narciso, assim como o dependente químico, possui uma mãe superprotetora e simbiótica. Liríope, sendo ninfa, necessita do outro para refletir suas qualidades e, uma vez que as projeta no outro não pode prescindir deste para que se sinta completa; da mesma maneira não consegue refletir Narciso em sua totalidade, pois só consegue percebê-lo na sua beleza externa e na perfeição das suas formas. De acordo com Neumann, a relação com a mãe é fundamental para que a criança estabeleça confiança em si e no mundo, para a formação do eixo ego-Self, eixo que permite a comunicação entre os aspectos do inconsciente-

⁴⁹ idem, ibidem, p.33.

⁵⁰ SCHWARTZ-SALANT, Nathan. *Narcisismo e Transformação do Caráter: A Psicologia das Desordens do Caráter Narcisista*. S.Paulo. Cultrix. 1995. 10^a. Edição. p.104.

⁵¹ SILVEIRA FILHO, Dartiu Xavier da. *Drogas — uma Compreensão Psicodinâmica das Farmacodependências*. S. Paulo: Casa do Psicólogo, 1995, pp.35.

consciente, podendo o ego desenvolver a capacidade de entrega ao Self sem correr o risco da inundação pelo inconsciente. Em relação à instabilidade do eixo ego-Self Neumann comenta que “a inundação pelo inconsciente, que em geral ocorre quando o ego se desloca em direção ao Self, é neste caso substituída por uma entrega da personalidade que destrói a unidade da personalidade e é expressa pela imagem da Mãe Terrível. Neste caso, a função da totalidade do Self falha em exercer sua ação compensatória normal.”⁵²

No processo de desenvolvimento psíquico descrito por Neumann, o ego imaturo necessita, simbolicamente, da força do pai para que consiga vencer o dragão urobórico e assim desvencilhar-se da energia que o atrai à regressão e à fixação no mundo materno. Um pai despotencializado não conseguirá auxiliar o ego neste processo fundamental, impedindo o seu desenvolvimento e tornando-o frágil diante da força da Grande Mãe. Assim, no caso do dependente químico, podemos pensar que ele possua uma família cujas forças arquetípicas tendem a agir acentuadamente.

Partindo agora para uma análise da relação que se estabelece entre pai, mãe e filho no fenômeno da dependência química, citamos o estudo intitulado: “A toxicomania e a cadeia circular das interações familiares”, realizado pela psicóloga Lacete Maria Lehnen⁵³. Segundo ela, existe um ciclo repetitivo nas interações entre os membros da família do dependente químico, interações que representam um “jogo relacional” e que impedem que o sistema seja rompido. O

⁵² NEUMANN, Erich. *A Criança – Estrutura e Dinâmica da Personalidade em Desenvolvimento desde o Início de sua Formação*. S. Paulo: Cultrix, 1995, 10^a. edição, p. 42.

filho é portador de um sintoma e é o foco das preocupações familiares: toda a atenção da família é direcionada a este sintoma, o que faz que a disfunção familiar seja ocultada. O dependente sacrifica-se por toda a família, evitando o seu processo de individuação, paralisando o próprio crescimento e mantendo-se dependente dela, tendo como prêmio a possibilidade de ser perdoado e receber como gratificação a doação materna. Existe entre o casal um jogo recíproco e complementar em que o pai participa na medida em que permite que a mãe ocupe uma posição privilegiada como protetora do filho. Assim, o pai cumpre o seu papel, permanecendo numa posição de inferioridade e reforçando a “fortaleza” da mãe, mantendo-se como uma figura aparentemente excluída. Por vezes ele pode apresentar uma atitude autoritária porém impotente diante da esposa, possibilitando, desta maneira, que se mantenha a relação simbiótica entre mãe e filho, repetindo o padrão inicial, quando o pai aparece com um papel menos fundamental. O casal se mantém assim unido em favor da “doença” do filho, evitando se relacionar como marido e mulher. A estagnação do desenvolvimento do filho, permite manter a estagnação do desenvolvimento do casal.

Analisando esta dinâmica por uma perspectiva arquetípica, deparamos com a “separação dos pais do mundo” que simboliza o princípio dos opostos e a diferenciação do ego. Segundo Neumann: “Só pela diferenciação do ego, pela separação dos pais primordiais e pelo desmembramento do dragão primordial, o homem é libertado como filho e exposto à luz, e só isso o leva ao nascimento

⁵³ LEHNEN, Lacete Maria. A toxicomania e a cadeia circular das Interações Familiares. *In: Psicologia Ciência e Profissão no. 2*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 1996, pp. 18-23.

como personalidade dotada de um ego estável.”⁵⁴ Se pensarmos que a família representa um micro sistema-dentro de um sistema maior que é a sociedade em que está inserida, podemos pensar que o desenvolvimento da consciência no núcleo familiar necessita percorrer o mesmo caminho para o processo de individualização, caminho este que envolve as relações entre os membros pertencentes a este núcleo. O impedimento do desenvolvimento psíquico mantido através das relações implícitas entre o casal, bloqueia o desenvolvimento da consciência familiar, e aqui o dependente químico mantém a estabilidade do sistema. Ele identifica-se com a persona do “filho doente”, do “filho problema”, “do viciado”. Lehen traz em seu artigo o relato de discursos que comprovam a imagem que a família atribui ao dependente à qual ele se sente identificado, mantendo assim a dinâmica estabelecida pela família: “Caroline sempre foi nervosa e doente; - “Laura tem a natureza ruim”; - “Cláudia não muda mesmo, sempre foi capeta”; - “Luciano é um marginal”.⁵⁵

Neste “jogo” surge a desorientação do ego infantil que, segundo Neumann, leva os componentes do prazer e da dor a serem experimentados sem distinção. “A não separação de opostos e resultante ambivalência do ego com relação a todos os objetos evocam um sentimento de temor e impotência.”⁵⁶

Narciso, tal qual o dependente químico, nega-se a vivenciar o oposto, nega-se a crescer e repudia o amor de Eco. Ao fazê-lo ele contraria o princípio de Eros e, portanto, gera a fúria de Nêmesis que o castiga levando-o a se apai-

⁵⁴ NEUMANN, Erich. *História da Origem da Consciência*. S. Paulo: Cultrix 1995, 10ª edição, p.89.

xonar pela própria imagem. Nêmesis, como deusa da justiça, obriga-o a voltar-se para si mesmo, a refletir. Esta possibilidade de reflexão dá a Narciso a chance de se redimir, de “curar-se” e se desenvolver.

Tal como o encontro de Narciso com seu próprio reflexo lhe proporciona uma possibilidade de cura, podemos dizer que a droga desempenharia no dependente químico a mesma função, uma vez que este busca através dela a possibilidade de se perceber novamente como uma unidade. A droga leva-o a não se sentir fragmentado e, de acordo com Silveira Filho, tendo ainda como função “o restabelecimento de uma unidade que, embora alucinada, encontra na concretude do prazer da droga a possibilidade de existência enquanto indivíduo.”⁵⁷ É possível, dessa maneira, resgatar a própria identidade como o reflexo de Narciso. Este, preso à própria imagem, pode se ver, ver o próprio corpo e perceber seus limites, limites definitivamente delimitados a partir do momento em que se percebe apaixonado pela própria imagem refletida.

O dependente químico por meio das drogas e de todas as conseqüências advindas por sua fixação em relação a elas, testa os próprios limites, limites do corpo e da alma. O consumo da droga, neste aspecto, surge como uma possibilidade de reencontro consigo mesmo. Colocando-se em confronto com a morte existe a possibilidade do renascimento. Silveira Filho lembra que, “em nível corporal, diversos pacientes realizam verdadeiros rituais de escarificação, dei-

⁵⁵ LEHNEN, Lacete Maria. A toxicomania e a cadeia circular das Interações Familiares. In: *Psicologia Ciência e Profissão* no. 2. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 1996, p. 20.

⁵⁶ NEUMANN, Erich. *História da Origem da Consciência*. S. Paulo: Cultrix 1995, 10^a edição, p.49.

⁵⁷ SILVEIRA FILHO, Dartiu Xavier da. *Drogas — uma Compreensão Psicodinâmica das Farmacodependências*. S. Paulo: Casa do Psicólogo, 1995, p.8.

xando marcas no próprio corpo ou compartilham sangue da mesma seringa mesmo quando não há mais droga a ser injetada. Estas marcas assinaladas na própria pele, assim como o sangue constituem testemunhos de uma identidade corporal, simbolicamente reassegurando e apaziguando dissociadamente o indivíduo do medo de não-ser, da ameaça da não-identidade, da marginalização e da solidão absolutas.”⁵⁸

Perceber os limites impõe uma necessidade de se perceber impotente e fragilizado. Por isso, é preciso que Narciso se curve diante da própria imagem, se debruce e saia do estado de onipotência paradisíaca. O dependente químico, em meio ao “devaneio” que o torna cada vez mais fragilizado e dependente, necessita perceber-se impotente diante das drogas e da realidade. Necessita constatar a existência de uma instância maior, diferente da ilusão do seu ser total, a existência de uma força que o impulsiona para a vida criativa e transformadora, mas que deve ser vivida em seu cotidiano, por meio de pequenos gestos, de pequenas conquistas. Identificar-se com esta força, que é a força do Self é ser devorado pelo Dragão Urobórico.

O dependente químico assim como Narciso, cessa de lutar diante do sentimento de acentuada fragilização, confusão e solidão ao se perceber entorpecido, fixado em sua própria imagem. Surge neste momento a possibilidade de redenção e de renascimento. Como nos diz Lescher: “Quando cruelmente solitário e enclausurado o Ser transborda de desejo, ‘chuta o pau da barraca’, corre à

⁵⁸ idem, ibidem, p.35.

bocada e se encharca de cocaína, paradoxalmente ele afirma sua liberdade. Liberdade e clausura afirmadas ao mesmo tempo, o próprio paradoxo, esse que é o pior inimigo das certezas absolutas. Nesse momento abre uma brecha em meio a um turbilhão de dúvidas e ambigüidades; um esboço de conexão se desenha: ‘Preciso de ajuda...’⁵⁹

⁵⁹ LESCHER, Auro Danny. “O mais profundo é a pele”. *Dependência — Compreensão e Assistência às Toxicomanias (uma Experiência do PROAD)*. S. Paulo: Casa do Psicólogo, 1996, p..

CONCLUSÃO

O caminho que traçamos até aqui nos possibilitou a compreensão do desenvolvimento psíquico dentro de uma visão arquetípica da psicologia analítica. Mostrou-nos que este processo ocorre de forma indissociável ao desenvolvimento da nossa civilização. O homem como um micro sistema, inserido em um sistema maior, caminha em seu processo de desenvolvimento e proporciona o desenvolvimento da civilização. O objetivo deste caminho, de acordo com Jung, é a ampliação da consciência e o fortalecimento do ego, para posteriormente, na segunda metade da vida, realizar o processo de individuação. Este processo envolve uma necessidade de introspecção, uma reaproximação com o Self, com o arquétipo da totalidade, porém agora com um ego estruturado, que consiga manter a discriminação consciente e se perceba fazendo parte de algo mais complexo.

O fenômeno da dependência química, do uso abusivo das drogas, nos mostra uma paralisação deste processo de desenvolvimento da psique. Podemos considerá-lo como uma tentativa de retorno e de aproximação ao Self, sem que no entanto este ego esteja fortalecido suficientemente para que o faça de forma discriminada, correndo assim o risco de uma identificação idealizada, onde o ego se confunde com o Self e se ilude com a sensação de onipotência. Esta idealização leva o dependente químico à fragilização de suas forças dificultando o caminho de volta, caminho este que só é possível através de um eixo ego-Self

estruturado, que tenha sido fortalecido pela luta contra o desejo de regressão e da inércia psíquica.

Este estudo nos leva a pensar que o foco central na dinâmica do dependente químico é a sua fascinação por uma força maior, força esta que ele não consegue compreender e que o leva a um desejo de integrá-la ao seu Ser, buscando assim uma solução imediata às suas angústias. O mundo se apresenta de forma ameaçadora impossibilitando que ele encontre o seu espaço. Ele foge da ameaça externa e vai de encontro à ameaça interna e se sente acuado, não conseguindo encontrar o seu lugar no mundo, seja este objetivo ou subjetivo.

O dependente químico, assim como Narciso, está ferido e sua ferida é o sentimento da falta. Não se sentindo completo ele sai em busca do “objeto perdido”, buscando algo que faça sentido e dê significado à sua vida.

Este movimento, apesar de surgir em sua forma destrutiva, faz com que ele busque o seu caminho no processo de ampliação da consciência. Testando os próprios limites, vivenciando os sentimentos de solidão e de desamparo, entrando em contato com o seu sofrimento, ele busca uma saída.

A sua possibilidade de “cura” está na reflexão, assim como nos mostra o caminho percorrido por Narciso. O dependente químico necessita ser refletido em sua totalidade podendo assim formar sua auto-imagem dentro de uma perspectiva real, levando-o a desenvolver atitudes criativas e a alterar sua realidade objetiva e subjetiva rumo ao desenvolvimento psíquico. Necessita ser “olhado”

em sua totalidade, e compreendido em sua complexidade, uma vez que esta é a sua ferida. Ele está “gritando” por ajuda.

A família, parte intrínseca na dinâmica do dependente químico, necessita ampliar sua consciência, cada qual percebendo seus limites e assumindo as suas fragilidades. Assim, alterando sua interação com o mundo, cada elemento contido no sistema familiar pode se posicionar de forma mais verdadeira diante da realidade externa, assumindo a responsabilidade pelo próprio desenvolvimento, redistribuindo tensões e liberando a energia bloqueada para que esta siga o seu fluxo natural.

A sociedade, vivendo um momento de transição, confunde-se em seus valores. Valoriza acentuadamente os aspectos externos, através de uma persona rígida, levando os indivíduos a uma constante busca por resultados imediatos, tornando-os acentuadamente competitivos e vorazes na tentativa de sobreviver ao sistema. Como resultado acentuam-se os aspectos sombrios, aspectos expelidos da consciência e projetados nos indivíduos que não conseguem acompanhar o ritmo imposto pela competição ou se negam a fazê-lo.

O dependente químico, dentro deste contexto, representa parte da sombra deste sistema. Ele o denuncia ao negar sua participação produtiva, ao resistir à luta pela própria sobrevivência, marginalizando-se e sendo marginalizado, assim como o faz em relação à família. Surge portanto, novamente, a necessidade de ampliação da consciência, agora por parte da sociedade. A sociedade necessita olhar para a sua sombra e integrá-la a consciência, assumindo suas fraquezas,

seus aspectos negativos, agindo de forma consciente no caminho de seu desenvolvimento.

A ampliação da consciência social possibilitará aos jovens depositar confiança no presente e no futuro, acreditando que esta será justa na medida em que ele contribua com a sua participação.

Entretanto, como nos diz Jung: “*A psicologia do indivíduo corresponde à psicologia das nações. As nações fazem exatamente o que cada um faz individualmente; e do modo como o indivíduo age, a nação também agirá.*”⁶⁰

Chegamos portanto à conclusão que, para que haja ampliação da consciência social, necessitamos contribuir com nossa parcela. É preciso que cada um se responsabilize pelo próprio desenvolvimento psíquico, pela ampliação da consciência e conseqüentemente pelo desenvolvimento e ampliação da consciência social. É necessário agirmos com responsabilidade, com capacidade de discriminação, conscientes do papel que representamos neste processo de desenvolvimento da civilização.

Assumirmos nossa parcela de responsabilidade é poder olhar para o dependente químico e percebê-lo como parte integrante da nossa sociedade, podendo desta forma ajudá-lo a reencontrar o “fio” necessário que o conduza de volta até nós.

⁶⁰ JUNG, C. G.. *Psicologia do Inconsciente*. R.J: Vozes, 1989, 6^a. edição, p.VIII.

BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega, Vol.II*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1996.

BYINGTON, Carlos. “O desenvolvimento Simbólico da Personalidade”, In: *Junguiana: Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica no. 1*, S. Paulo, Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, 1983.

BYINGTON, Carlos. *Desenvolvimento da Personalidade — Símbolos e Arquétipos*, S. Paulo, Editora Ática, 1987.

CAVALCANTI, Raïssa. *O Mito de Narciso — O Herói da Consciência*, S. Paulo, Cultrix, 1997.

Drogas: o que fazer a respeito, In: *Superinteressante*, S.Paulo, Editora Abril, 2002.

FORDHAM, Frieda. *Introdução à Psicologia de Jung*. S. Paulo, Verbo, 1990.

JACOBI, Jolande. *Complexo, Arquétipo e Símbolo na Psicologia de C. G. Jung*. S. Paulo, Cultrix, 1995.

JUNG, C. G. *Fundamentos da Psicologia Analítica*. Petrópolis, Vozes.

JUNG, C. G. *Tipos Psicológicos*. S. Paulo, Vozes, 1991.

JUNG, C. G.. *Psicologia do Inconsciente*. R.J., Vozes, 1989, 6^a. edição

JUNG, C.G. *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1964.

LEHNEN, Lacete Maria. *A toxicomania e a cadeia circular das Interações Familiares*. In: *Psicologia Ciência e Profissão* no. 2. Brasília, Conselho Federal de Psicologia, 1996.

MANSUR, Jandira. *O que é Toxicomania*. S. Paulo. Nova Cultural/Brasiliense, 1986.

MONTELLANO, Raquel Porto. “*Narcisismo: Considerações Gerais*”. In: *Junguiana: Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica* no. 14, S. Paulo, Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, 1996.

NEUMANN, Erich. *A Criança – Estrutura e Dinâmica da Personalidade em Desenvolvimento desde o Início de sua Formação*, S. Paulo, Cultrix, 1995, 10^a. edição.

NEUMANN, Erich. *História da Origem da Consciência*, S. Paulo, Cultrix, 1995, 10^a edição.

RUBY, Paulo. *As Faces do Humano: Estudos de Tipologia Junguiana e Psicossomática*, S. Paulo, Oficina de Textos, 1998.

SCHWARTZ-SALANT, Nathan. *Narcisismo e Transformação do Caráter: A Psicologia das Desordens do Caráter Narcisista*, S. Paulo, Cultrix, 1995, 10^a. Edição.

SILVEIRA FILHO, Dartiu Xavier da. *Drogas — uma Compreensão Psicodinâmica das Farmacodependências*, S. Paulo, Casa do Psicólogo, 1995.

SILVEIRA FILHO, Dartiu Xavier da e Gorgulho, Mônica. *Dependência- Compreensão e Assistência às Toxicomanias (uma Experiência do PROAD)*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1996.

